

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

“A INEFICÁCIA DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS”

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA, ELABORADO POR JAILSON ALVES DA COSTA, COM BASE NA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA, MINISTRADA PELO PROFESSOR ALARCON AGRA DO Ó. E ORIENTADO PELA PROFESSORA ERONIDES CÂMARA DONATO

CAMPINA GRANDE-PB

- ABRIL DE 2001 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, Jandu Alves de Sousa e Maria Deuma da Costa, a minha esposa Rogéria Rauênia Limeira da Silva, a minha irmã Janilma Alves da Costa, a minha sobrinha Gabriela Alves Beco, a meu cunhado Gentil Gabriel Beco e em especial ao meu filho Arthur Emanuel Alves da Silva, que juntos constituem a base familiar que considero de extrema importância para o meu sucesso pessoal e profissional

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de extrema alegria e realização em que concluo o Curso de Licenciatura em História na Universidade Federal da Paraíba – Campus II, agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter iluminado todo o meu caminho ao longo do curso, em segundo lugar a toda a minha família (pai, mãe, esposa, filho, irmã, sobrinha, cunhado, avós, tios...), que sempre me apoiaram em todos os sentidos - financeiro, emocional, moral, etc – e, em terceiro lugar, a meus professores e amigos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação profissional

SUMÁRIO

Introdução	5
A ineficiência dos Projetos Pedagógicos	6
Observação: Parte Indispensável Para a Eficiência do Planejamento	11
Prática: Momento de Realizar o Planejamento	19
Avaliação	22
Considerações Finais	23
Bibliografia	24

1 – INTRODUÇÃO:

Diante da ineficácia dos projetos autoritários e abstratos, feitos por órgãos que vislumbram uma educação homogênea para uma sociedade composta por grupos heterogêneos e classificados a partir de critérios econômicos e culturais, procuro nesse relatório mostrar a necessidade de se fazer uma observação detalhada da realidade de uma escola, antes de aplicar tais projetos, bem como se fazer planejamentos, partindo da realidade de cada instituição que possui uma multiplicidade de ações possibilitadas por seus sujeitos (diretores, professores, funcionários e alunos), os quais, advém de uma sociedade problemática e muitas vezes injusta. Procuro mostrar também, a necessidade de se fazer e aplicar algo que foi anteriormente planejado, mostrando e desmascarando o papel do planejamento junto a Secretaria de Educação.

2 – A INEFICÁCIA DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Começo esse texto, destacando e discutindo algumas questões referentes ao processo educacional que se encontra em vigor em nossas escolas. Priorizando a discussão da elaboração de projetos autoritários e abstratos (projetos pedagógicos) que são criados e impostos as escolas, sem antes passarem por processo de observação das particularidades das mesmas, que considero indispensável para o sucesso e a eficácia de tais projetos frente ao processo educacional

Antes de destacar e trabalhar as questões que cito acima, vejo a necessidade de dialogar sobre o plano de curso da disciplina prática de ensino de história (ministrada no período de 2000.2) que nos desperta para questões importantes frente ao processo educacional para entender o ensino de história dentro de um momento contemporâneo que nos apresenta visões diferenciadas a respeito do mesmo. Visões essas, que são apresentadas e defendidas nas entrelinhas dos projetos educacionais.

Ao observar o plano de curso da disciplina, prática de ensino de história, relacionando-o com as aulas do professor Alarcon Agra do Ó, vejo uma clara preocupação de nos orientar para o entendimento das questões contemporâneas do ensino de história. Questões essas, ligadas às mudanças ocorridas na educação devido à utilização de autoritários e abstratos projetos fabricados por encomenda para o processo de escolarização.

Autoritário no sentido de deixarem bem claro os lugares de cada sujeito que faz parte do processo educacional. Lugares esses, marcados pela inferioridade e não pela diferença que caracteriza os sujeitos.

Diante dessa idéia que nos fala dos lugares dos sujeitos, podemos perceber que o processo educacional se caracteriza por possibilitar, a partir de suas técnicas e de seus projetos, a criação e a institucionalização dos lugares dos sujeitos que fazem parte de uma multiplicidade de ações, tornando o processo educacional complexo e mutável

Esse fato faz com que se perceba a necessidade de projetos específicos e não globais, ou seja, de projetos que reflitam a realidade das escolas

Ao falar de mudanças na educação, estou falando de algo muitas vezes abstrato, pois essas mudanças se realizam a partir de projetos autoritários, já que não levam em conta a prática realista da sala de aula, a qual possui suas particularidades, vistas somente no dia-a-dia da educação, onde professores e alunos trocam conhecimentos, possibilitando assim uma rede de ações que interferem direta ou indiretamente no processo escolar. Essa rede de ações só pode ser entendida a partir da observação que possibilita a compreensão da complexidade que é a escola e seus sujeitos. E é por isso que valorizo a prática da observação que viabiliza a minha atuação diante do processo pedagógico

Diante das mudanças ocorridas no caminhar da educação, a partir de novíssimos projetos pedagógicos criados por pessoas ligadas ou não ao MEC, Nilda Alves e Regina Leite Garcia¹, criticam essas mudanças mostrando que:

“Não é nos gabinetes do MEC ou da Secretaria de educação por mais que esta constatação incomode a quem pensa estar em suas mãos o destino da educação no país. Estes acreditam poder ensinar a escola como deveria ser a boa escola em seus projetos elaborados a partir do último grito teórico produzido especialmente fora do Brasil. Afinal, mazombos fomos desde a colônia, mazombos continuam a ser os que mandam nesse país”. (p. 10)

Após espôr a visão de Nilda Alves e Regina Leite Garcia a respeito dos projetos educacionais, ainda podemos destacar, que a escola deve ser pensada como um campo de estudo, onde existe uma multiplicidade de ações que após serem observadas possibilitam a produção de projetos que tenham a ver com a realidade das escolas pesquisadas e não um projeto abstrato, produzido sem antes possuir elementos que

¹ ALVES, N. e GARCIA, R. L. (Orgs) *A invenção da escola a cada dia* Rio de Janeiro, DP e A, 2000.

possibilitem o entendimento da multiplicidade de ações que existem no processo educacional. Pois o que proponho é a criação de projetos regionais e locais e não a criação de projetos globais, nacionais que se perdem nas particularidades de cada região, ou seja, de cada escola

Amarrando a ideia da realidade escolar, de que tanto falamos, podemos perceber que o projeto educacional ao ser elaborado por exemplo no Rio Grande do Sul, que é uma região marcada por uma especificidade cultural, não pode ser expandido para o restante do país, pois cada região deve possuir um projeto educacional voltado para suas particularidades e não um projeto adaptado que se torna cada vez mais difícil de funcionar com sucesso

Voltando um pouco a falar na disciplina (prática de ensino de história), podemos destacar o seu papel de orientadora, no sentido em que nos coloca leituras e práticas para tentar suprir a falta de caminhos pedagógicos mais articulados durante todo o curso que deixa muito a desejar, no sentido em que só nos encaminha para o casamento prática-teoria no seu final, reduzindo com isso a importância da prática e priorizando as discussões teóricas que estão presentes em todo o curso

Esse fato da prática ser colocada apenas no final do curso evidencia a pequena importância dada ao processo de adaptação do professor à sala de aula (base para a formação profissional), mas, como já falei antes, essa disciplina busca recuperar parte do que se perdeu frente a uma fraca estrutura curricular, que não nos disponibiliza um número maior de disciplinas pedagógicas que possibilitaria ao aluno maiores vantagens para sua formação profissional. Além da fraca estrutura curricular do curso de história, ainda tivemos que enfrentar a fraca estrutura das disciplinas da área de educação, que foram e são ministradas de forma artificial, decorativa e enfadonha, e a falta de um período maior de tempo para se trabalhar a prática de ensino nas escolas de forma mais sistemática, a partir da pesquisa e de um casamento entre teoria e prática, ou ainda, fazer da prática um momento de articulação e prestação de serviços junto a comunidade – já que esse é um dos seus principais objetivos – além dos benefícios que traria para a comunidade em geral, iria

propor um momento de reavaliação da profissão de educador, já que perceberíamos os novos desafios que a profissão nos oferece, como nos diz Ivani Catarina Arantes Fazenda²:

“A proposta está vinculada, à idéia de um estágio voltado para o atendimento à comunidade, o qual deverá proporcionar o engajamento do estagiário na realidade, para que possa perceber os desafios que a carreira do magistério lhe oferecerá e possa, assim, refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir”
(p 64).

Deixando de lado os problemas da estrutura curricular do curso de história e voltando a discussão dos abstratos projetos educacionais que fazem parte do objetivo geral dessa disciplina em questão, podemos constatar que eles quase não progredem por serem projetos impostos e não analíticos, ou seja, projetos feitos sem levar em conta as particularidades das escolas. Frente a isso Nilda Alves e Regina Leite Garcia nos falam que quando os projetos fracassam a culpa é sempre visualizada como sendo dos professores que, segundo o MEC e seus parceiros, não nos preparam para a materialização de tais projetos

“Ao fracasso inevitável de políticas autoritárias porque importar, a boa desculpa e culpar os professores pelo fracasso - o projeto e brilhante não de certo porque as professoras não foram capazes de implementá-lo como nós o idealizamos. A esta constatação é preciso investir pesado em capacitar quem se encontrar in apaz”
(p. 12)

Essa citação mostra a incompetência de pessoas, que se colocam como sendo as únicas possuidoras de um modelo verdadeiro e eficaz para a educação, o que acaba por levá-la por linhas únicas, já que não leva em consideração o fato de que cada

² CORAZZO, S. M. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). Currículo: questões atuais. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

escola possui relações e ações diferenciadas, pelo fato de ser formada por pessoas mutáveis e complexas. Portanto, o que fica claro é que projetos educacionais devem ser criados a partir de pesquisas que possibilitam o entendimento de boa parte das práticas existentes no interior e fora das escolas, rompendo assim, com a idéia de que as pessoas são passivas e não mutáveis e ativas, como podemos perceber na citação que segui, retirada do texto “A Invenção da Escola a Cada Dia” de Nilda Alves e Regina Leite Garcia

“Defendemos que a forma de contribuir nos processos de transformação, desde sempre, como tudo o que é humano, portanto social e histórico, é reconhecer a escola como um espaço tempo de permanente transformação, em que sujeitos-alunos/alunos e sujeitos professores/professoras são seres mutáveis e complexos que, para melhor compreender, exigem muita pesquisa e mais que tudo muita humildade para romper com uma profunda onipotência com a qual fomos todos formados”. (p 13)

Frente a idéia de que a escola esta em constante transformação e que os projetos pedagógicos, para serem realmente eficazes, têm que acompanhar essas transformações bem como serem construídos de acordo com a realidade peculiar de cada instituição, parto agora para relatar a importância da observação dentro deste contexto

3 – OBSERVAÇÃO: PARTE INDISPENSÁVEL PARA A EFICÁCIA DO PLANEJAMENTO.

Após ter discutido no capítulo anterior, algumas questões referentes aos projetos educacionais que considero de fundamental importância para minha formação profissional, posso agora a relatar as questões referentes a observação e aos planejamentos que realizei, durante o período da prática de ensino, na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral que fica localizada no Bairro de Bodocongó nesta cidade

Antes de relatar os aspectos observados na escola, acho necessário refletir sobre a citação já vista anteriormente das professoras Nilda Alves e de Regina Garcia que nos mostra a grande importância do papel da pesquisa para se compreender as transformações e complexidades que podem ser encontradas nas relações existentes em uma escola.

A citação em discussão, nos ajuda a entender o processo educacional que é complexo e mutável, ou seja, que tem em seus sujeitos (alunos, professores, diretores...) uma multiplicidade de atos e práticas culturais. Diante dessa idéia de complexidade direcionada as escolas, podemos perceber que só nos resta refletir sobre a parte referente à observação, a qual é um instrumento seguro e viável para entender o processo escolar antes de planejar qualquer técnica ou prática que irá ser trabalhada com os sujeitos de tal processo. Processo esse, que só se realiza com segurança se partir da observação que além de nos dá uma percepção física do ambiente pesquisado (a escola), ainda possibilita o conhecimento do mundo social que é percebido através da observação como nos diz Oracy Nogueira³.

“Não somente o conhecimento do mundo físico, mas também o do mundo social começa pela observação e dela depende”.
(P 83).

³ NOGUEIRA, O. Pesquisa Social: Introdução a suas técnicas. São Paulo Fdi USP 1968

A partir daí, podemos perceber a importância da observação para o planejamento poder ser aplicável na prática, no sentido de melhor direcionar o ensino para a realidade de cada escola, possibilitando ao aluno uma aprendizagem voltada para o seu mundo

Trazendo a ideia da observação necessária, para a realização da prática de ensino do curso de história no período 2000.2, podemos dizer que ela, apesar de não ter sido feita de forma sistemática devido ao curto período de tempo que tive para realizar, além da observação, o planejamento e sua aplicação (cerca de três meses), ela ainda foi de fundamental importância para o nosso amadurecimento enquanto futuros educados, já que possibilitou a efetuação de todos os estágios-observação, planejamento e aplicação-necessária para o sucesso das práticas educacionais.

Ainda falando sobre observação, quero destacar que ela acima de tudo, é uma viabilizadora de práticas, juntamente com o planejamento, pois, é a partir da mesma que conseguir compreender as múltiplas ações que ocorrem dentro de uma escola. Ações essas que se manifestam tanto de forma rotineira quanto de forma casual.

Partindo agora para relatar os aspectos que foram observados na Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, com a finalidade de facilitar o desenvolvimento de planejamentos viáveis para a minha prática de ensino, selecionar três aspectos que destaco e discuto a seguir.

O primeiro aspecto que observei, foi a estrutura física da escola que e o local onde os alunos e os demais sujeitos realizam suas práticas. Nesse aspecto pude observar que embora a escola possua uma grande área espacial, ela não se encontra bem estruturada para um melhor desenvolvimento das práticas educacionais, pois suas salas de aula, quando não são grandes demais – possibilitando assim um maior aglomerado de alunos em um mesmo espaço dificultando assim as práticas educacionais – são muito pequenas, mas nem por isso tanto uma como a outra, não deixam de receber um grande número de alunos.

Quando destaco a falta de uma boa estrutura da escola, para um melhor desenvolvimento educacional, estou enfatizando um problema comum nas escolas brasileiras, que muitas vezes são mal estruturadas, funcionando em locais inadequados para

o bom andamento das praticas escolares. Pois, acredito que o bom funcionamento de uma escola, também depende de uma boa estrutura fisica que possibilita uma maior interação entre os vários sujeitos educacionais

Em relação a estes relatos que se referem à estrutura fisica da escola, procurei relatá-los por ter sido algo muito presente na minha pratica, pois trabalhei com a 7ª A que é constituída por cinquenta e nove alunos que se distribuíam em uma sala muito grande onde se podia notar claramente a difícil tarefa do professor que, além de ministrar o conteúdo da aula, ainda teria que se preocupar com as conversas paralelas que surgiam de todas as partes, já que se tratava de uma quantidade muito grande de alunos que estavam em fase de afirmação pessoal (adolescência). Além disso, existem as questões culturais e econômicas que afetam o comportamento dos alunos, já que muitas de suas necessidades e desejos, determinados pela sua cultura, são reprimidos pelo seu "lugar" na sociedade. lugar este, que na realidade dos alunos da escola em questão, é marcado pela pobreza, na sua grande maioria.

Em relação à turma do 1º A que e formada por trinta e sete alunos, distribuídos em uma minúscula sala, pude perceber um maior interesse por parte dos alunos em relação às aulas nas quais muitos deles, em vez de conversar paralelamente, faziam perguntas sobre o assunto, procurando se integrar com a aula. Por outro lado, fica claro que a falta de uma boa estrutura fisica da escola prejudica o processo de aprendizagem a partir do momento em que se coloca uma grande quantidade de alunos em salas pequenas, mal ventiladas e portanto, sem possibilitar nenhum conforto ao aluno e ao professor. O que acaba problematizando o processo educacional

Diante desses dois casos específicos (7ªA e 1ºA) que relatei pude perceber que a má distribuição do espaço fisico da escola atrapalhou e atrapalha o bom andamento de qualquer aula, como pude constatar no caso específico da 7ªA que, além de ser formada por uma grande quantidade de alunos distribuídos num grande espaço fisico dificultando o bom andamento das aulas, ainda possui em seu conjunto elementos problemáticos que atuavam de acordo com o uso de drogas, como nos relatou a professora titular da disciplina (Ana Tereza) quando nos orientou a respeito das ameaças feitas por esses indivíduos a alguns professores da escola

A falta de estrutura física da escola somada com os problemas sociais advindos da realidade de cada indivíduo em particular, prejudica o processo de aprendizagem, o qual vem sendo ao longo das aulas, de responsabilidade única do professor, o qual na realidade não deveria ser colocado dessa forma, como acontece na prática. Pois esse é um processo muito complexo, já que envolve uma multiplicidade de ações que estão interligados com os aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, etc.

O segundo aspecto que observei foi a busca constante da direção para manter o controle dentro da escola. Controlando, além dos alunos, os professores e funcionários, sendo que estes dois últimos atuam com verdadeiros soldados, procurando manter a disciplina e a ordem, seja no portão principal – funcionários – seja dentro das salas – professores – e coordenação – direção, professores e funcionários. Para que esse objetivo seja alcançado, a direção não permite que as salas de aula fiquem abertas nos tempos de intervalo, cabendo aos funcionários a responsabilidade de fecha-las logo quando os professores terminam suas aulas. Outra medida de segurança adotada pela direção da escola se refere ao seu portão principal, o qual deve permanecer fechado durante quase todo o tempo, com o intuito de impedir a entrada de pessoas estranhas a escola, como também a saída de alunos durante o período de aula.

Um terceiro e último aspecto que observei foi a falta de interesse dos alunos em relação as aulas de história, que não é um privilégio da escola em questão, mas da maioria das escolas brasileiras.

Este aspecto foi o mais difícil de ser observado, devido a professora titular da disciplina não permitir que assistíssemos suas aulas – como deixou bem claro em uma de nossas primeiras conversas (estagiários – professora), dizendo ela que não assistiria nossas aulas, assim como não gostaria que assistíssemos as suas. Diante desta situação, procurei conversar com alguns alunos a respeito das aulas de história que eram ministradas na escola, pude constatar que elas eram vistas como algo chato e decoreba por se tratar de uma disciplina de muita leitura, o que, segundo alguns alunos, dificultava a aprendizagem. Por outro lado, existe a questão do preconceito de alguns alunos, no sentido de acharem que para se aprender os assuntos dessa disciplina, não é necessário o auxílio do professor, por serem os livros por si só são bastante explicáveis e, por isso, de fácil compreensão.

Ainda em relação à falta de interesse dos alunos em relação às aulas de história, pude detectar que um de seus principais motivos é a falta do hábito de leitura que é uma realidade não só dos alunos da rede pública, mas de toda a comunidade estudantil.

Após detectar todas estas constatações, procurei desenvolver um planejamento com o intuito de contribuir para mudar essa visão que os alunos tinham e tem a respeito da aula de história, para tanto busquei trabalhar com textos de época com a finalidade de incentivar a leitura, pois acredito que é a porta para o desenvolvimento do processo educacional.

Antes de realizar um planejamento que viesse satisfazer os meus objetivos e as expectativas das turmas - em que iria atuar, busquei o apoio da professora Eronides Câmara Donato (Orientadora da minha prática) que ao me orientar, fez uma discussão a respeito dos eixos temáticos que poderiam ser utilizados na elaboração do planejamento que iria realizar para ser aplicado a prática. Além desse apoio busquei ajuda em um texto de Sandra Maia Carazza que tem como título, "Planejamento de Ensino como estratégia e política cultural". Esse texto discutia o uso e o não uso do planejamento nas escolas, pois segundo esta autora muitas vezes o planejamento é usado como simples documentos, já que são exigidos pela Secretária de Educação somente para arquivá-los. Diante disso, percebe-se, que esse elemento tão importante, para o processo educacional, que é o planejamento, não é valorizado nem pelas escolas nem pelos professores que na maioria das vezes os despreza.

Esta é uma visão que predomina na maioria das escolas brasileiras e não seria diferente na escola que participei da prática, pois quando perguntei a professora titular a respeito do plano de ensino das duas turmas que iria trabalhar, ela me falou que ainda não estavam prontos, ou seja, ela ainda não tinha feito as reformas no plano de ensino do ano passado que iria ser reaproveitado.

Diante de tal constatação imaginei como seria uma prática pedagógica em que o professor por mais experiente que fosse, não havia preparado com antecedência um plano de ensino, ou melhor dizendo nas palavras de Sandra Mara Carazza que critica o não uso do planejamento.

“Então, como ir para a escola e exercer uma pedagogia, sem planejar nossas ações? Ora agir assim demonstraria que, no mínimo, não levamos muito a sério as responsabilidades pedagógicas e políticas de nosso trabalho”. (P 17)

Partindo de todas essas constatações acima, comecei a constituir um planejamento que se traduziu em planos de aula que se preocupassem com os aspectos mais presentes na vida dos alunos, e foi por isso que ao planejar as minhas aulas, não propus metodologias que estivessem fora da realidade da escola e da professora titular da disciplina de história

Ao fazer essa escolha de só utilizar metodologias possíveis à realidade da escola e da professora, levei em consideração o curto período de tempo que passei na escola, pois acredito que uma prática que só teve duração de pouco mais de três meses, não pode provocar muitas mudanças metodológicas, pois só viria a confundir o processo de aprendizagem dos alunos, já que ao final da prática voltariam a assistir aulas de acordo com a “antiga” metodologia, usada pela professora

Ao elaborar os planos que utilizei durante minha prática de ensino, optei por trabalhar a partir de aulas expositivas discursivas que foram enriquecidas com a utilização de cartazes e mapas, além da apresentação e discussão de documentos de época. Após destacar os instrumentos metodológicos que utilizei, pode-se perceber que são instrumentos simples e ricos, desde que bem utilizados pelo professor. Este deve ter o poder e o potencial de saber utilizá-lo, pois, se ele não tornar viável o uso de tais instrumentos metodológicos, jamais funcionará.

De acordo com o que foi exposto até agora se verifica que durante o planejamento procurei planejar, ou seja, priorizar e destacar aquilo que era possível de ser realizado, pois estava participando de uma prática que considero inadequada por só possuir um período letivo, durante todo o curso, para sua realização que envolve observação, planejamento e aplicação. Além dessa limitação de tempo, ainda tive que enfrentar outra escola que diminuíram cada vez mais o período de tempo da prática.

Concluindo essa parte, posso dizer que a observação que realizei antes de constituir o planejamento e realizar a prática, foi um dos momentos mais ricos de toda a minha prática, pois foi a partir dela que ampliei minha visão a respeito da escola, onde pude observar e perceber as múltiplas relações existentes no interior de uma escola. Relações essas que movimentam o processo educacional a partir de seus sujeitos que são complexos e mutáveis.

4 – PRÁTICA: MOMENTO DE REALIZAR O PLANEJADO.

A minha prática de ensino, em sala de aula, durou três semanas, e, nesse curto espaço de tempo, procurei realizar tudo o que planejei, mesmo encontrando algumas adversidades, como a falta de interesse de boa parte dos alunos em relação à aula de história, o curto período de tempo de duração das aulas (40 minutos), o entrar e sair de pessoas da diretoria na sala, avisando sobre o fardamento e a má estrutura física da escola. Todos estes problemas poderiam ter afetado diretamente a minha prática, caso eu não tivesse feito a observação, a qual me possibilitou uma visão prévia de como funcionava a escola, e, fazendo com que o meu planejamento fosse realizado de acordo com a realidade da escola em questão. O fato é que se estes problemas fossem erradicados o aproveitamento das aulas, por parte dos alunos, teriam sido bem maior e a minha atuação como professor seria bem mais eficaz.

Um fato interessante que observei durante a prática em sala de aula, foi a falta de credibilidade de alguns alunos para comigo, pelo fato de ser eu um estagiário. Essa descredibilidade, no meu caso em particular, de certa forma, foi inibida a partir do momento em que os alunos souberam da informação de que já atuava como professor

Durante a minha prática de ensino/ estágio supervisionado, atuei como professor, em duas turmas (7ªA e 1ªA), as quais possuem suas particularidades que relatarei a seguir:

Em relação às aulas ministradas no 1ªA, que trata um dos assuntos: A ocupação da América, O Egito e a Mesopotâmia, posso dizer que foram lucrativas na medida em que procurei ministrar os conteúdos estimulando a participação da turma em relação às aulas, seja tirando dúvidas ou fazendo questionamento sobre determinados assuntos, em especial, o que se referia à ocupação da América, que provocou uma riquíssima discussão a respeito das verdades históricas, as quais, foram entendidas e percebidas a partir das várias teorias que apresentei e discuti, a respeito dos primeiros

habitantes da América. Esta participação da turma frente as aulas de história, que para a maioria dos alunos era vista como uma disciplina chata e memorialista, foi estimulada por uma metodologia que chamo de realista, e acima de tudo eficiente. Realista, porque trabalhei de acordo com a realidade da escola e da turma, onde optei por trabalhar com aulas expositivas/discursivas que seriam enriquecidas com a apresentação de mapas e cartazes que ajudaram nas discussões em sala de aula.

Diante de tudo que relatei sobre a turma do 1^oA, desde o início desse relatório, considero minha prática bastante proveitosa, levando em conta todas as adversidades que tive de enfrentar para pôr em prática tudo aquilo que havia planejado.

Com relação a turma da 7^aA, tive que enfrentar maiores problemas, pois verifiquei um grande desinteresse e rebeldia de alguns alunos, talvez por ser constituída de alunos com uma menor faixa etária de idade ou por existir um número exorbitante de alunos (59) numa única turma, ou mesmo pelo fato de existir alguns casos de alunos que usam drogas e vivem ameaçando alguns professores como nos relatou a professora titular da disciplina (Ana Tereza). Estes problemas geravam a inquietação dos alunos, que procuravam a todo o momento conversar uns com os outros e acabavam por prejudicar a aula, a qual tinha de ser interrompida para se realizar uma breve conversa com a turma, a fim de destacar a importância que aquela aula tinha para eles.

Apesar destes problemas dessa turma, pude trabalhar com segurança os assuntos – Napoleão, o agente da revolução, A vinda da Família Real para o Brasil e a independência das colônias espanholas, que me foram solicitados pela professora sem muitos problemas, pois se tratavam de temas interessantes e que estimulavam a participação dos alunos nas aulas, fazendo-os questionar e discutir sobre os assuntos apresentados no decorrer das aulas.

Em relação a forma que trabalhei os conteúdos nessa turma, posso dizer que também optei por uma metodologia realista e viável para a realidade da turma e da escola. Metodologia essa que se traduziu em aulas expositivas e mapas, discussão de textos de época, além da utilização do insubstituível quadro negro. Diante do exposto, pode-se notar que a metodologia adotada por mim não possui muitas inovações, como o

uso de filmes e outras, pois levei em conta a realidade da escola que não me possibilitou, usar filmes, embora possua uma sala de vídeo, mas como a mesma é pequena, pois no máximo cabe quarenta alunos, impossibilitou trabalhar esses recursos didáticos com os alunos da turma 7ª A. Além do mais, a direção da escola não aceitou que a turma fosse dividida, alegando que enquanto parte dela estaria assistindo o documentário, a outra parte ficaria desocupada, já que a escola não contava com professores para auxiliar nesses casos.

Pode-se notar claramente, que a minha escolha metodológica, partiu de uma visão que chamo de realidade escolar, na qual acredito que o professor, assim como qualquer outro sujeito, atua de acordo com suas possibilidades e com as que lhe são oferecidas pela escola, pois, não acredito em milagres, ou seja, em práticas que provocam grandes inovações em um curto período de tempo, pois acredito naquilo que se transforma com segurança ao longo do tempo.

5 – AVALIAÇÃO

A avaliação, que é um dos elementos mais problemáticos da educação, no caso da minha prática de ensino, se tornou ainda mais problemática, na medida em que tive de avaliar os alunos por um único exercício feito na sala, logo após um curto período de tempo de trabalho junto a eles, pois isso impossibilitou a aplicação de uma avaliação contínua, a qual avaliaria, o aluno em seu conjunto e não em um único momento, como aconteceu.

Partindo para o relato de como foi o processo de avaliação, posso dizer que nas duas turmas apliquei algumas questões para que os alunos respondessem a partir da pesquisa, que considero fundamental para o processo de aprendizagem.

No caso específico da 7ªA, optei por trabalhar com duplas para evitar que os exercícios fossem verdadeiras cópias, pois levei em conta a grande quantidade de alunos que tinham na turma. Ao dividir essa turma em grupos de dois componentes para a realizar o processo de avaliação, procurei facilitar o aprendizado dos alunos, já que, acredito que o rendimento dos mesmos é bem maior, na medida em que as dúvidas de um podem ser tiradas pelo companheiro e vice-versa.

No caso do 1ºA, também elaborei questões que estimulassem a pesquisa, só que individualmente, já que se tratava de uma turma menos numerosa e mais madura (em termos de idade).

Em relação aos resultados dessas avaliações, posso dizer que foram satisfatórias, pois a maioria das aulas das duas turmas ficaram com nota superior a sete, e os demais após a recuperação que realizou extra classe, a partir de questões propostas sobre os assuntos trabalhados em sala, conseguiram se superar, pelo menos, alcançar a média (sete).

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Todo o relato feito neste trabalho nos mostra a necessidade de haver uma interação de todos aqueles responsáveis pelo processo educacional, para que tenhamos uma sociedade mais justa e homogênea, na medida em que a “educação” não seja um objeto de enriquecer alguns e marginalizar outros. Isso porque são impostos às escolas projetos que se adequam a sua realidade, o que problematiza cada vez mais o processo de aprendizagem dos alunos, os quais buscam na educação um caminho para uma vida melhor. Outro fato é a elaboração de planejamentos fora da realidade das escolas e que, portanto, não atendem às necessidades do conjunto, além da não utilização dos mesmos, sendo apenas mais um documento a ser arquivado pela Secretaria de Educação. As escolas são construídas, não para proporcionar um maior conforto e conseqüentemente uma melhor aprendizagem para os alunos, mas para dar satisfação à sociedade, como fazem os governos, pois elas não possuem uma estrutura viável para o processo educacional, e, os professores, além de não serem bem remunerados, não dispõem de recursos que facilitem o uso de metodologias que venham a atender as necessidades reais dos alunos.

Para que esse quadro possa se reverter, é necessário que se repense e valorize, a educação e o processo educacional, não apenas por um único grupo (professores, governo, alunos ...), mas por todos, já que isso não é responsabilidade de alguns, mas de todos.

7 – BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite. A invenção da escola a cada dia
Rio de Janeiro DP e A, 2000: 07 –20
- ANDRE, Marli (org.) Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas.
São Paul. Papyrus.1999.
- CORAZZO, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política
Cultural In: MOREIRA, Antônio F. Barbosa. (org.) Currículo: questões
Atuais. Campinas. São Paulo Papyrus. 1997:103-143
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2ª edição
São Paulo. Cortez. 1998
- FERREIRA, José Roberto Martins. 1950 História 7ª Serie Martins
Ed Reformada. São Paulo. FTD 1997
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. História. São Paulo Ed. Ática 2000.
- MORAIS, José Geraldo Vince de. 1960. Caminhos das Civilizações. História
Integrada: Geral e do Brasil. São Paulo. Edt. Atual.
- NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa Social: Introdução a suas técnicas. 1ª ed.
São Paulo Ed. USP. 1968
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. 1999. História e vida integrada.
São Paulo Ed. Atica.

ANEXOS

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO
SEVERINO CABRAL.
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIARIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SERIE: 7ª A

PLANO DE AULA

TÍTULO: Napoleão, o agente da Revolução

TEMA: Um filho que traiu a mãe.

1 – OBJETIVOS

- Caracterizar o período Napoleônico em seus aspectos internos e externos em relação à França, aproximando-o aos ideais da Revolução Francesa e pontuando suas contradições.
- Contribuir para que os alunos possam entender, que os feitos de Napoleão só foram possíveis devido os novos ideais trazidos pela Revolução Francesa.
- Contribuir para que os alunos possam perceber que a Revolução Francesa significou um marco singular na história mundial, a partir de seus ideais que se expandiram por toda parte (pelo menos na teoria).

2 – CONTEÚDO

- O filho da revolução
- Napoleão, progresso na economia
- Napoleão, retrocesso na política
- O homem das Mil Vitórias

- Inglaterra, o inimigo invencível
- Muitas vitórias, muitos inimigos

3 – METODOLOGIA

As aulas serão ministradas a partir de:

- Aulas expositivas discursivas;
- Apresentação e discussão de mapas e cartazes;
- Utilização do quadro negro e giz.
- Trabalho com textos e exercícios

4 – AVALIAÇÃO

A avaliação se realizará a partir da aplicação de um exercício discursivo, Além da participação dos alunos.

5 – BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, José Roberto Martins, 1950 – História: 7ª A série/ Martins – Ed. Reformada – S.P. FTD, 1997.

MORAIS, José Geraldo Vinci de, 1960 – Caminhos das Civilizações – História Integrada: Geral e do Brasil – S.P. Editora: Atual.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino, 1999 – História e Vida Integrada – S.P. Editora: Ática.

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
SEVERINO CABRAL
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIÁRIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SÉRIE: 7ª A

PLANO DE AULA

TÍTULO: A FAMÍLIA REAL NA COLÔNIA TROPICAL

TEMA: OS REFLEXOS DA DOMINAÇÃO NAPOLEÔNICA NO MUNDO

1 – OBJETIVOS

- Mostrar aos alunos os reflexos da Revolução Francesa no Brasil
- Proporcionar aos alunos as relações de “amizade” entre a Inglaterra e Portugal baseadas na exploração do Brasil.
- Proporcionar aos alunos as mudanças ocorridas no Brasil logo após a chegada da Família Real.
- Contribuir para que os alunos possam entender a conjuntura que acompanhou a vinda de D. João para o Brasil e a volta de D. João VI para Portugal.

2 – CONTEÚDO:

- Melhor perder o país do que a vida.
- Uma forte Amizade ou um Amigo muito forte?
- Com a corte morando aqui para que os monopólios?
- Rio de Janeiro, a Lisboa Tropical.
- O Brasil virou Reino, mas continuou colônia.
- Muita pressão em cima de D. João.

3 – METODOLOGIA

As aulas serão ministradas a partir de:

- Aulas expositivas discursivas;
- Apresentação e discussão de mapas e cartazes;
- Utilização de quadro negro e giz.

4 - AVALIAÇÃO

A avaliação se realizara a partir da aplicação de um exercício discursivo, além da participação dos alunos

5 - BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, José Roberto Martins, 1950 – História. 7ª A série. Martins.
Ed. Reformada – S.P. FTO, 1997.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino, 1999 – História e Vida Integrada
S.P. Editora Ática

SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: ANA TEREZA

ORIENTADORA: ERONIDES

ESTAGIÁRIO: JAISSON ALVES DA COSTA

SÉRIE: 1ª

PLANO DE AULA

TÍTULO: As colônias espanholas se libertaram

TEMA: Liberdade política, mas não econômica.

1 – OBJETIVOS

- Apresentar aos alunos o final do século XVIII e início do século XIX como sendo um momento de revoltas libertárias, influenciadas pela Revolução Francesa
- Apresentar a exploração que a Espanha impôs sobre suas colônias desde a chegada de Colombo.
- Mostrar aos alunos o papel dos crioulos e das comunidades locais frente ao processo de libertação.
- Mostrar a importância das invasões napoleônicas para a “libertação” das colônias espanholas.
- Apresentar o papel da Inglaterra frente ao processo de libertação das colônias espanholas.
- Mostrar a importância de Simon Bolívar frente a esse projeto de libertação.
- Mostrar a república dos candilhos como sistema político.

2 – CONTEÚDO

- *As colônias espanholas se libertaram*
- Três séculos de exploração e opressão;

- Espanha: a deposição estimulou a libertação;
- Bolívar, o Napoleão da América do Sul;
- América: os republicanos dos cordões

3 - METODOLOGIA

As aulas serão realizadas a partir de:

- Aulas expositivas e discussivas;
- Apresentação e utilização de mapas e filmes;
- Utilização do quadro e giz.

4 - AVALIAÇÃO

A avaliação se realizará de forma contínua, a partir da participação e discussão em sala, além da aplicação de exercícios referente a cada assunto discutido.

5 – BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, José Roberto Martins. 1950 História: 7ª Serie, Martins, Ed. Reformada. S.P. FTD, 1997.
- MORAIS, José Geraldo Vinci de. 1960 – Caminhos das Civilizações - História Integrada - Geral e do Brasil - S.P. Editora: Atual

Napoleão, o agente da Revolução

in. FERREIRA, José Roberto Martins, 1950-
História: 7ª série / Martins - Ed. Reformada
- S.P. FTD, 1997.

Napoleão foi um general do Exército francês. Um general francês não poderia não se envolver com a Revolução Francesa. Sua genialidade militar cedo lhe rendeu o comando; as tropas que ele comandaram acabaram por sair da França. Admirados com tal feito, os franceses promoveram a general. E ele, ainda não velho, tornou-se um generalíssimo.

A burguesia francesa tinha simpatia às causas populares. Por isso, ele foi destituído da posição de general e retomou o poder em 1795.

Embora não fosse um militar, no entanto, não permitiu que ele fosse ignorado quando surgiram novas guerras no final do século XVIII. Como vimos no capítulo anterior, diversos países europeus se organizaram para novas tentativas de invasão à França e restauração do regime monárquico.

Em 1796, Napoleão foi enviado para o combate das forças austriacas sediadas na Itália. Seu desempenho foi espetacular. Os austriacos foram derrotados, uma grande parte do território italiano foi conquistado e ele ainda obrigou o papa a assinar um tratado de paz. O povo francês vibrava com a audácia de seu jovem combatente.

Depois de todas as perneiras, Napoleão investiu contra o Egito. Sua intenção era lutar com esse ataque; o Egito era uma colônia inglesa, e invadi-lo seria atingir a própria Inglaterra. Depois de sofrer algumas derrotas no mar, Napoleão conseguiu ocupar o com grandes vitórias em terra.

Após retornar à França, Napoleão foi recebido como um grande herói nacional. Era, então, o grande orgulho do povo francês e representante maior de seus valores, ideais e conquistas.

A ascensão meteórica de Napoleão e o tratamento que lhe foi dado pelo povo podem nos revelar alguma coisa sobre a Revolução Francesa. Alguns detalhes aparentemente irrelevantes são, muitas vezes, fundamentais para compreender o sentido maior das mudanças provocadas por eventos de grandes proporções para uma sociedade, como acontece no caso da Revolução. No Antigo Regime, seria improvável que alguém como Napoleão, que não possuía origem aristocrática, ascendesse tanto, ocupando altos postos no Exército.

Napoleão foi um dos muitos cidadãos franceses beneficiados pela Revolução Francesa. Ao abolir o antigo critério aristocrático, que estabelecia o nascimento e a riqueza como critérios de escolha e seleção para postos públicos, a Revolução promovia mudanças profundas na sociedade. O princípio da igualdade de todos os cidadãos perante a lei seria uma característica fundamental da República Francesa e inspiraria a constituição de todos os países democráticos do planeta.

Tendo um gigantesco prestígio popular e um exército fiel sob seu comando, Napoleão logo passaria a ser visto pelo governo burguês como um poderoso trunfo para a manutenção de seus interesses. Lembremos que a França não enfrentava apenas as agressões externas, mas passava por diversos problemas sociais, que colocavam a população em posição de hostilidade ao governo.

Setores importantes da burguesia eram sensíveis à instabilidade da situação. Percebiam que a sua continuidade no poder dependeria de uma hábil estratégia política, que fosse capaz de acalmar os ânimos acirrados de uma população descontente e faminta. Assim, a burguesia estimulou Napoleão a tomar o poder. Em 9 de novembro de 1799, com apoio do Exército, o jovem general tomou o poder.



Napoleão: a Revolução permitiu que ele chegasse ao topo do poder

Napoleão governou a França como primeiro-cônsul de 1799 a 1804. Apesar de procurar manter a prezada imagem do regime republicano, conquistada pela Revolução, o Consulado possuía um conteúdo centralizador e trânico de fazer inveja a qualquer rei absolutista. Era Napoleão quem nomeava os administradores e juizes dos departamentos – divisão administrativa da França correspondente aos nossos estados –, conseguindo, assim, estender o seu controle sobre todo o país.

Os poderes extraordinários de Napoleão foram garantidos por uma constituição elaborada por uma assembléia que lhe era submissa.

Durante os primeiros dez anos do governo de Napoleão, um clima de euforia parecia ter tomado conta dos franceses. A economia apresentava altas taxas de crescimento. O índice de desemprego caiu. Os agricultores ficaram satisfeitos por haver mercados consumidores para sua produção. A França começava a fazer sua revolução industrial.

Napoleão criou todas as condições para que os negócios da burguesia prosperassem. Ele conseguiu a simpatia de todas as classes sociais da sociedade francesa.

Aos camponeses, Napoleão garantiu que ninguém tiraria suas terras. Drenou pântanos, construiu estradas e, assim, a produção podia ser escoada mais facilmente. Para financiar a produção agrícola, Napoleão fundou um banco. A agricultura francesa começou a se modernizar.

Aos operários e a outros trabalhadores urbanos, Napoleão garantiu a normalização do abastecimento de alimentos, com um significativo aumento da produtividade no campo.

Ninguém tinha mais motivos para se alegrar com o governo de Napoleão do que a burguesia. Fazer da França a maior potência econômica era o principal objetivo de Napoleão. Os banqueiros, os grandes comerciantes e os industriais foram os principais beneficiados pelo governo de Napoleão.

Em 1804, numa cerimônia celebrada pelo papa, Napoleão concedeu a si mesmo o título de imperador. Aproveitando-se da enorme admiração popular que possuía, o jovem general tornou-se Napoleão I.

Napoleão acelerou o desenvolvimento capitalista francês, financiando os investimentos privados. Para isso, aumentou a arrecadação de impostos. Para propiciar maiores lucros aos empresários, impediu que os empregados fizessem greves. O trabalhador que tentasse criar um sindicato para defender seus direitos podia ser preso.

Não foi por acaso que no código civil napoleônico, de 1804, dos 2.000 artigos, 800 fossem relativos à propriedade privada, enquanto apenas sete tratavam do trabalho. No governo de Napoleão, a economia francesa cresceu bastante. Não faltavam empregos, alimentos, escolas, e os negócios iam de vento em popa.

Napoleão, retrocesso na política

Apesar do caráter inovador e audacioso que o governo de Napoleão imprimia à economia francesa, o mesmo não parecia ocorrer na esfera política. Seu governo em muito se assemelhava ao absolutismo, que ele ajudou a combater. Evidentemente, não podemos afirmar que a França de Napoleão era absolutista, pois agora havia a Constituição. Todos deviam obediência a ela, inclusive Napoleão. A Câmara dos Deputados – espaço decisório dos representantes do povo – também é uma instituição que não poderia existir sob o absolutismo. No entanto, Napoleão não governava com o auxílio das instituições democráticas criadas pela Revolução. Ele concentrava muito o poder em suas mãos.

Muitas das liberdades conquistadas com a Revolução Francesa foram abolidas por Napoleão. A censura tornou-se ativa. Os jornais publicavam apenas o que o governo permitia. As pessoas não eram livres para se organizar e reivindicar seus



J.L. David – A coroação de Napoleão, Museu de Louvre, Paris

direitos. Em todas as escolas, os professores deviam ensinar as crianças a amar o imperador.

Mesmo com tudo isso, Napoleão era um herói para o povo. A vitória da França sobre os exércitos de vários outros países orgulhava a nação.

66

Formação das primeiras vitórias

As guerras foram uma constante na época de Napoleão. Em 1799, quando ele tornou o poder, teve de assumir o comando das forças francesas. Nesse momento, a França estava sendo atacada pelos exércitos da Inglaterra, da Áustria e da Rússia. Como vimos anteriormente, muitos outros países europeus viviam sob monarquias absolutistas e temiam que o regime político instaurado pela Revolução Francesa se espalhasse.

A Inglaterra, por sua vez, tinha um motivo a ferente para combater a França: pois era uma monarquia constitucional e

não absolutista. Sendo um país capitalista desenvolvido, não interessava à Inglaterra que a França alcançasse o mesmo nível de desenvolvimento industrial e econômico que o dela, tornando-se uma incômoda rival no mercado internacional.

Sob a liderança de Napoleão, os exércitos franceses esmagaram as forças estrangeiras, obrigando ainda a Rússia a assinar um armistício. Diante da derrota dos seus aliados, a Inglaterra se viu obrigada, em 1802, a assinar um acordo com Napoleão. Nesse acordo, a Inglaterra cedia algumas colônias para a França.

A paz não durou muito. As vitórias militares de Napoleão tinham feito da Europa um mercado para os produtos franceses. Essa situação agradava muito à burguesia francesa, mas não à burguesia da Inglaterra. Uma nova guerra era inevitável. Com a ajuda da Áustria, da Rússia e da Suécia, a Inglaterra recomeçou os conflitos.

Napoleão, no entanto, surpreendeu a Europa novamente. Mesmo enfrentando exércitos bem maiores e mais poderosos que o dele, Napoleão saiu vencedor. Invadiu a Áustria. Derrotada a Áustria, invadiu a Prússia. Derrotada a Prússia, ele se preparou para invadir a Rússia. Não foi preciso. A Rússia não só se rendeu como também se dispôs a ajudar a França na guerra contra a Inglaterra. A Europa Oriental estava conquistada. Era o apogeu do império napoleônico.

Inglaterra, o inimigo invencível

Restava a Inglaterra. Vencê-la militarmente, porém, era mais difícil. Por ser uma ilha, só podia ser invadida por mar. Napoleão sabia que a Marinha inglesa era imbatível. Imaginou então um meio para derrotar a Inglaterra sem usar os seus canhões. O plano foi o seguinte: ele decretou, em 1806, que nenhum país da Europa poderia comerciar com a Inglaterra. Foi o denominado Bloqueio Continental. Sem ter para quem vender seus produtos, a economia inglesa se arruinaria.

O plano tinha tudo para dar certo. No início, todos os países pareceram aderir. Entretanto, logo Napoleão percebeu que as mercadorias inglesas estavam chegando ao continente através de Portugal. Para resolver esse problema e fazer o Bloqueio Continental funcionar, Napoleão decidiu invadir Portugal. D. João, então regente, amedrontado, fugiu para o Brasil.



Com a invasão da Espanha e de Portugal, o império napoleônico assumiu dimensões gigantescas. O continente europeu estava curvado diante dos exércitos de Napoleão.

Nas terras conquistadas, Napoleão acabava com muitos dos privilégios dos nobres e da Igreja. E procurava fazer com que esses países se espelhassem na França, ou seja, seguissem o modelo político e social nascido com a Revolução Francesa. A burguesia e vários grupos sociais dos países invadidos saudavam a entrada dos exércitos napoleônicos. Eles viam na ocupação francesa a possibilidade de destruição do absolutismo e dos privilégios da nobreza e do clero em seus países. E Napoleão o fazia realmente. Derrotava reis e criava as condições para a instauração de regimes constitucionais.

Para os franceses, esses foram dias de glória. O imperador da França era também o senhor da Europa.

Muitas vitórias, muitos inimigos

Controlar o continente europeu era uma tarefa bem mais difícil do que Napoleão podia imaginar. Em poucos anos, as forças que o apoiavam passaram a se opor à sua dominação.

Muitos dos habitantes dos países conquistados, que inicialmente tinham aplaudido Napoleão, logo pegaram em armas contra ele. A estratégia de Napoleão era a de colocar reis da sua confiança nos países conquistados. Por mais progresso que esses reis pudessem trazer, eles não deixavam de ser intrusos.

A manutenção do domínio francês tornava-se cara demais para os cofres nacionais, pois era necessário um exército cada vez mais poderoso para garantir as conquistas.

O império francês não estava ameaçado apenas pela resistência popular nos países conquistados. A burguesia desses países também começava a protestar. A economia francesa era incapaz de oferecer mercadorias com a qualidade e os preços dos produtos ingleses.



O soldado espanhol defendido com ferocidade. Goya retratou assim.

A burguesia, predominantemente comercial, desses países se aliou à nobreza e à Igreja para o combate à dominação napoleônica.

Havia também um outro forte motivo para isso: a Inglaterra – que dominava os mares no período com sua poderosa frota naval – ameaçava promover a independência das colônias daqueles países que prestassem apoio à França.

Assim, por exemplo, os comerciantes e a nobreza da Rússia romperam com o bloqueio e voltaram a comerciar com a Inglaterra. Em 1812, Napoleão mandou um gigantesco exército para conquistar sua antiga aliada. Apesar de conquistar Moscou, foi impossível para ele se estabelecer, pois os russos haviam incendiado a cidade. Ao regressar, as tropas francesas enfrentaram o rigoroso inverno russo, a fome e os ataques da guerrilha russa. Mais da metade dos soldados de um exército de 500.000 homens morreram.

Os inimigos de Napoleão perceberam que esse era o momento de reagir. A Prússia, a Áustria, a Inglaterra e a Rússia formaram um grande exército e, em 1813, derrotaram Napoleão. No ano seguinte, conquistaram Paris e destronaram o imperador. No lugar dele, colocaram Luís XVIII, irmão do rei derrubado pela Revolução Francesa. A nobreza sonhava em restaurar a antiga situação.

Napoleão, que depois da derrota tinha sido mandado para Elba, uma ilha do Mediterrâneo, fugiu e voltou para a França. O povo o aclamou. Em pouco tempo, ele reuniu um exército e retomou o poder. Luís XVIII fugiu.



Waterloo sepultou os sonhos napoleônicos.

Os aliados que tinham derrotado Napoleão prepararam-se para enfrentá-lo novamente. Sem tempo e sem recursos para organizar um exército tão competente como o que tinha antes, ele foi derrotado, em 1815, na Batalha de Waterloo.

A estrela de Napoleão deixara de brilhar. Derrotado, foi mandado para o exílio em Santa Helena, uma ilha do Atlântico, onde morreu, em 1821.

O fim do império napoleônico significou a restauração do poder da nobreza e da Igreja na França e em todos os territórios que Napoleão havia conquistado. O fim desse império, entretanto, não representou o fim de tudo aquilo que foi criado pela Revolução Francesa.

A idéia de uma administração moderna e eficiente, em que os funcionários eram contratados pela capacidade e não mais pela origem social, perdurou. Os valores revolucionários também contribuíram para que muitos povos lutassem contra a opressão feudal e a dominação cultural da Igreja. Tanto é assim que ainda hoje vivemos as palavras de ordem da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade.

5. Napoleão foi uma das pessoas beneficiadas pela Revolução Francesa. Por quê?
6. A Inglaterra e as monarquias absolutas da Europa eram inimigas da França, mas não pelas mesmas razões. Aponte os motivos:
 - a) das monarquias absolutas;
 - b) da Inglaterra.
7. Em relação ao Bloqueio Continental, explique:
 - a) por que, apesar do poder do seu exército, Napoleão não recorreu a ele para derrotar a Inglaterra;
 - b) as razões do seu fracasso.
8. O domínio francês sobre os países conquistados foi ficando cada vez mais difícil. Por quais motivos?
9. Napoleão, como vimos, foi um filho da Revolução Francesa. Liberdade, igualdade e fraternidade foram o lema dessa Revolução. Na sua opinião, Napoleão foi fiel a esses princípios? Justifique a sua resposta.
10. Crie um epitáfio para colocar no túmulo de Napoleão.
11. Na coroação de Napoleão e de sua mulher, Josefina, consta que ele não esperou o papa colocar a coroa na sua cabeça. Quebrou a tradição coroando a si mesmo e a sua mulher. Como você interpretaria esse gesto?
12. Assim como a Inglaterra no início do século XIX, existe um país da América que, atualmente, sofre um bloqueio econômico. Faça uma pesquisa e descubra:
 - a) qual é esse país;
 - b) quem estabeleceu o bloqueio;
 - c) qual o motivo alegado para o bloqueio.
13. Faça uma pesquisa sobre o movimento feminista e depois responda: existe alguma relação entre esse movimento e os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa?

ORINANDO
E
CRIANDO

PESQUISANDO

Atividades

Assimilando conceitos

1. O *poder político* de Napoleão foi reforçado pelo medo da burguesia. Explique como isso ocorreu.
2. Copie uma frase do texto para mostrar que o *poder* de Napoleão não se apoiava apenas na burguesia.

TRABALHANDO O PROCESSO HISTÓRICO

3. Aponte medidas tomadas por Napoleão que beneficiaram:
 - a) a burguesia;
 - b) os operários e demais trabalhadores urbanos;
 - c) os camponeses.
4. As conquistas napoleônicas espalharam pela Europa o modelo político e social nascido com a Revolução Francesa. Copie o parágrafo do texto do capítulo que mostra como isso ocorreu.

A família real na colônia tropical

Meio por perder o país do que a vida

Houve um tempo, nos séculos XVIII e XIX, em que os comandantes dos navios de guerra tinham de afundar junto com o navio, caso naufragassem. Quando o navio era bombardeado e começava a afundar, a tripulação abandonava o navio. O comandante, não. Era uma demonstração de bravura e de honra.

Também se esperava que, quando um país fosse invadido, o rei permanecesse junto do povo para comandar a resistência

aos invasores. O rei representava a nação e devia estar com ela nos bons e nos maus momentos.

Não foi o que d. João fez. Em 1807, Napoleão Bonaparte invadiu Portugal. O motivo era que Portugal estava desobedecendo ao bloqueio econômico contra a Inglaterra. As tropas francesas entraram, e d. João saiu. Fugiu para o Brasil. Não veio sozinho. Com ele, vieram nobres, padres, militares e funcionários da corte. A elite portuguesa abandonou o país. Ela, que vivia à custa dos impostos pagos pelo povo, abandonou esse povo à sua própria sorte. D. João, na verdade, não era rei, mas regente. Isso porque

a mãe dele, d. Maria I, a verdadeira rainha de Portugal, era considerada louca e estava impedida de governar.

A vinda da corte ao Brasil representou um fato inédito na história dos povos da Europa: 15.000 portugueses abandonaram a metrópole e vieram morar na colônia.

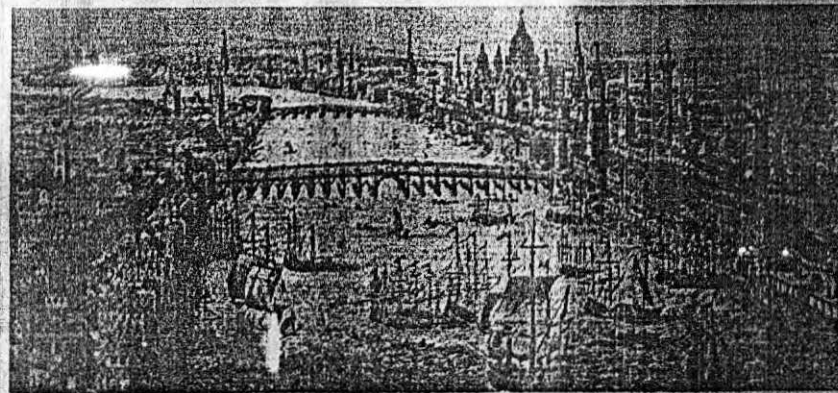
Os navios portugueses vieram protegidos por uma frota de navios ingleses. Uma proteção que custaria muito caro a Portugal e ao Brasil.

Uma forte amizade ou um amigo muito forte?

Já vimos anteriormente que desde o final do século XVII Portugal se curvara aos interesses ingleses. Essa relação de submissão fazia a Inglaterra enriquecer enquanto Portugal empobrecia.

Os governantes ingleses e portugueses diziam, nessa época, que seus países estavam unidos por uma forte amizade.

Quando Napoleão decretou o Bloqueio Continental, a Inglaterra apelou para a "amizade" de Portugal. Esse apelo, no entanto, foi acompanhado de uma grave ameaça: caso Portugal cedesse às pressões de Napoleão – que impunha a proibição de comercializar com os ingleses –, a Inglaterra iria estimular a independência do Brasil. Perder a colônia deixava os portugueses apavorados, pois o lucro que deixariam de ter com a exploração do Brasil seria muito grande. Desse modo, Portugal preferiu continuar aliado à Inglaterra e não obedeceu ao Bloqueio Continental promovido pela França.



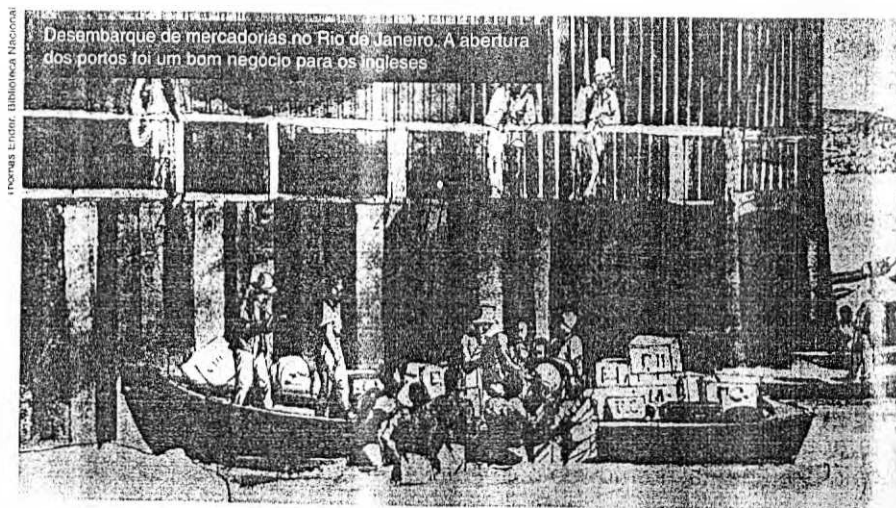
A elite portuguesa no Brasil. Novos tempos para a colônia



Em outros tempos, a Inglaterra não daria tanta importância ao Brasil. Mas agora, impedida de comerciar com a Europa, todos os mercados deveriam ser aproveitados.

Novas concessões foram feitas. Em 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram três tratados, extremamente benéficos aos ingleses. Entre outras coisas, eles garantiam que as mercadorias importadas da Inglaterra pagariam impostos menores do que as importadas de Portugal. Os produtos ingleses pagariam 15%, e os portugueses, 16%.

Esses tratados permitiam também que a Inglaterra extraísse madeiras brasileiras para a construção de seus navios. Garantiam ainda que os ingleses que morassem no Brasil não estariam sujeitos às leis portuguesas, mas às leis inglesas. Muitas das vantagens foram concedidas à Inglaterra. Ironicamente, o nome de um desses tratados era Aliança e Amizade.



Esses tratados ampliaram a influência inglesa sobre o Brasil. Os produtos ingleses, impedidos de entrar na Europa, abarrotaram o mercado brasileiro. Para ajudar o "amigo inglês", passamos a importar até mesmo produtos que não tinham a menor utilidade no Brasil (patins próprios para o gelo, por exemplo).

Esses tratados – todos eles lesivos para os interesses de Portugal e do Brasil – provocaram muitos protestos aqui. Os comerciantes portugueses não admitiam o tratamento especial dado aos produtos ingleses, que se tornavam mais baratos que os deles por causa das baixas taxas alfandegárias concedidas à Inglaterra. Os privilégios legais que os ingleses residentes no

Brasil possuíam também irritavam muito os brasileiros. D. João, no entanto, era incapaz de contrariar a Inglaterra: fazia tudo o que ela pedia.

Com a corte morando aqui, para que os monopólios?



O monopólio comercial que obrigava os brasileiros a negociar apenas com os portugueses era – juntamente com os impostos que pagávamos à Coroa – garantia de rendas importantes para Portugal e seus comerciantes.

Quando a família real e a administração portuguesa vieram para o Brasil, criou-se uma situação estranha. Por que manter o monopólio se os comerciantes portugueses já não tinham mais condições de vender mercadorias para o Brasil? A ocupação napoleônica tornava impossível o comércio entre Portugal e sua colônia.

Isso colocava sérios problemas para a sustentação financeira da Coroa. A arrecadação de impostos caía muito com o comércio paralisado. A solução foi abolir o monopólio comercial e, com isso, conseguir novos parceiros comerciais.

Em 1808, d. João decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Por esse decreto, qualquer país poderia mandar navios comerciar nos portos brasileiros. Entretanto, a única "nação amiga" era a Inglaterra, pois, como vimos anteriormente, os outros países europeus estavam sob ocupação francesa.

D. João e seus funcionários sabiam que, quanto mais a economia brasileira se desenvolvesse, mais impostos a Coroa poderia arrecadar. Exatamente por isso, ele ordenou, em 1808, simultaneamente ao decreto de abertura dos portos, que se retirasse a proibição de montar manufaturas no Brasil. Agora, por essa decisão, era possível instalar fábricas na colônia.

O decreto não permitia a produção de manufaturas aqui agradou a alguns e desagradou a outros. Os brasileiros, que passaram a competir de outros países também, ficaram satisfeitos. Com o fim do monopólio, os produtos importados passaram a custar mais barato. Os comerciantes portugueses, contudo, ficaram desapontados, pois perderam o monopólio do comércio e com ele parte importante de seus lucros.

Pouco a pouco, foi caindo grande parte dos monopólios e privilégios que a metrópole desfrutava. Em termos econômicos, respirava-se um clima de liberdade. Nem parecia que o Brasil era uma colônia.

Rio de Janeiro, a Lisboa tropical

Desde 1763 o Rio de Janeiro já era a capital do Brasil. Estimulado pela necessidade de melhor controlar as atividades mineradoras, Portugal havia transferido a capital de Salvador para o Rio. Aí se alojaram os milhares de portugueses que fugiram com d. João.



Para os padrões europeus, o Rio de Janeiro era uma pequena cidade. Em 1800, Lisboa tinha 217.000 habitantes. O Rio, apenas 50.000. O Rio deslumbrava os europeus pelas be-

lezas naturais, mas os aborrecia pela insalubridade e falta de programas culturais.

Os pobres viviam no centro da cidade, em pequenas casas com apenas uma janela. Já os ricos fugiam da confusão e miséria do centro e buscavam áreas mais afastadas e mais agradáveis, onde habitavam verdadeiros palacetes e eram servidos por muitos escravos.

Os artesãos, os amulantes e os empregados do comércio eram os pobres das cidades. Eles levavam uma vida modesta e lutavam com dificuldade para sobreviver. Os funcionários públicos, pequenos comerciantes, professores, padres formavam uma classe média e tinham um padrão de vida um pouco melhor.

Os fazendeiros, os grandes comerciantes, os traficantes de escravos, os altos funcionários públicos compunham a camada rica da população colonial dessa época. Eles desfrutavam ótimas condições de vida. Vestindo-se com roupas européias, consumindo apenas produtos importados, eles procuravam se parecer com os ricos europeus. Na verdade, ter hábitos e gostos semelhantes aos europeus era algo que os enobrecia e os tornava distintos do restante da população.

D. João preocupou-se muito em dar uma aparência européia ao Rio de Janeiro. Criou escolas para educar os filhos dos ricos e da classe média. Criou a Real Biblioteca, importando milhares de livros da Europa.

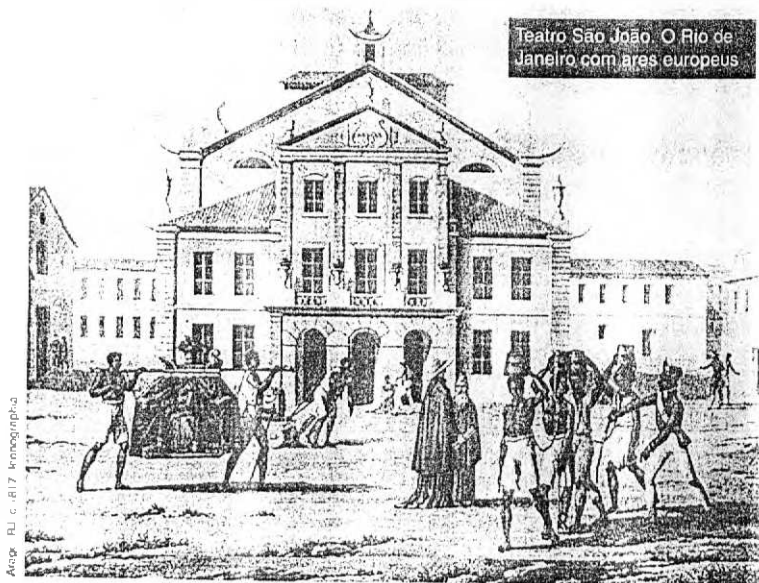
Revogando os decretos colonialistas, permitiu a livre impressão de jornais e livros na colônia. Ele próprio criou a Imprensa Régia. As tipografias criadas foram responsáveis pela publicação de muitos livros. É bem verdade que não havia liberdade de imprensa, pois o governo proibia a publicação de livros que atacassem o governo, a religião e os valores morais mais respeitados da época, os "bons costumes". De qualquer maneira, a existência da imprensa já era em si um grande avanço.

D. João instalou um grande hospital para cuidar da saúde da população carioca. Criou o Jardim Botânico, que além de



com um parque de tanta beleza, servia para a realização de experiências sobre a adaptação de plantas estrangeiras ao clima brasileiro, que eram de grande importância para a agricultura.

As artes também foram muito incentivadas com a vinda de d. João ao Brasil. Ele tinha grande simpatia pela música e por isso estimulou e financiou diversos espetáculos de ópera e baé. Assim, um tipo de música não-religiosa começou a ser apreciada no Brasil. Para que as companhias de palé e ópera tivessem um lugar para se apresentar, d. João criou, em 1813, o teatro São João, atual João Caetano.



Teatro São João. O Rio de Janeiro com ares europeus

Arq. RJ, c. 1817. Iconocógrafa

Muitas vezes, não conseguimos perceber a importância das realizações de d. João no Rio de Janeiro. Para conseguir perceber essa importância, basta lembrar que o Rio, na época, tinha apenas 50.000 habitantes. Imagine uma cidade do interior com esse mesmo número de habitantes. Introduza 15.000 estrangeiros com hábitos sofisticados. Construa escolas, hospitais, teatros, bibliotecas. Funde um jornal e crie um banco. A cidade mudou muito, não é verdade? Pois bem, foi justamente o que aconteceu no Rio de Janeiro com a chegada de d. João.

Aquela que era uma calma e pacata cidade colonial transformou-se, em pouco tempo, numa cópia de cidades européias.

Os proprietários rurais da região, que antes preferiam ficar em suas fazendas, construíram casas na cidade e nelas passavam agora boa parte do tempo.

A circulação dos jornais, a impressão de livros, a presença de professores e artistas estrangeiros estimularam o debate entre as pessoas. As notícias e os livros chegados da Europa eram lidos avidamente. Estava se formando uma elite intelectual no Brasil.

O Brasil virou reino, mas continuou colônia

Com a queda de Napoleão, os países europeus que o haviam derrotado se reuniram para decidir os rumos políticos que haveriam de seguir. A reunião foi na cidade de Viena e ficou conhecida como Congresso de Viena. Napoleão, com suas conquistas, tinha embaralhado o mapa da Europa. O Congresso decidiu que os países deveriam voltar a ter as mesmas fronteiras de antes das guerras napoleônicas e que os reis depostos por Napoleão deveriam ser reconduzidos a seus tronos.

Os países vitoriosos, na sua maioria absolutistas, temiam que as idéias iluministas que a Revolução Francesa havia ajudado a propagar atingssem os seus domínios. Para impedir isso, a Áustria, a Prússia e a Rússia fizeram um pacto militar, que ficou conhecido como Santa Aliança.

A Santa Aliança se propunha a combater, pela força das armas, os movimentos liberais, onde quer que surgissem. Esses movimentos eram chamados de liberais porque propunham a liberalização dos regimes absolutistas. Não eram contra os governos monárquicos, mas lutavam para que as liberdades conquistadas pelos indivíduos na Revolução Francesa fossem efetivadas em seus países. Isso significava a criação de regimes constitucionais, onde todos, inclusive o rei, deveria... respeitar uma constituição que garantisse os direitos individuais de cada um. Nessa fórmula política, que a França conhecia desde 1789, o povo passava a ser o novo soberano, através da ação de seus representantes.

D. João sabia da grande simpatia que as colônias americanas tinham pelas idéias

Uma cabeça coroada nos trópicos





liberais. Receou que elas ganhassem força no Brasil. Lembrou-se de Tiradentes, morto por defender essas idéias.

Ele recordou que em 1798, na Bahia, aconteceu um movimento denominado Revolta dos Alfaiates. Esse movimento, que reuniu centenas de pessoas, defendia o fim da escravidão, a separação do Brasil de Portugal e a proclamação da República. D. João sabia que, embora os líderes desse movimento tivessem sido mortos pelas autoridades portuguesas, as idéias não morrem tão facilmente quanto os homens.

Olhando para a América espanhola, viu que muitas colônias estavam se libertando. Tudo isso o preocupava, pois sabia que, se essas idéias ganhassem força no Brasil, elas gerariam um grande movimento contra o domínio de Portugal. Numa tentativa de reduzir as pressões que se formavam contra a presença portuguesa na colônia, d. João tomou uma atitude de grandes implicações políticas: elevou, em 1815, o Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal. O Brasil passava a ser, pelo menos no nome, igual a Portugal.

Os brasileiros revoltaram. No entanto, essa medida não livrava o Brasil do domínio político da metrópole. O fato de ser, a partir de então, um reino não tinha efeitos para além do papel.

Os portugueses, por sua vez, sabiam claramente que Portugal continuaria a mandar no Brasil. Mas, mesmo assim, viam nesse ato uma diminuição do seu prestígio. Além disso, presentiam que a elevação do Brasil à categoria de reino indicava que d. João não tinha a intenção de voltar para Portugal.

Eles tinham muito interesse em que d. João retornasse para a metrópole. Acreditavam que com o retorno tudo voltaria a ser como antes. O monopólio do comércio seria restabelecido e o Brasil voltaria a condição anterior, de simples colônia.

Por isso, começaram a pressionar para que d. João voltasse para Portugal. Com a morte da mãe, d. Maria I, em 1816, d. João, de regente, passa a ser d. João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves. Com isso, as pressões aumentaram.

Muita pressão em cima de d. João

Em 1817, eclodiu em Pernambuco um grande movimento liberal, que tinha como um dos objetivos a independência do Brasil. Esse movimento ficou conhecido como Revolução Pernambucana.

Pernambuco nunca recuperou a antiga prosperidade. A decadência vinha desde que os holandeses tinham sido expulsos do país. Nessa época, era o maior produtor e exportador de açúcar do mundo. Essa capitania voltou a conhecer a euforia econômica quando a atividade mineradora de ouro estava em alta, na região das minas, mas, com o declínio dessas atividades, a economia pernambucana voltou a enfraquecer.

Parte importante da população de Recife – particularmente os fazendeiros, comerciantes brasileiros e demais setores da classe média – estava muito insatisfeita com a situação que se criara. Reclamava-se dos altos impostos e também do controle sobre a venda de escravos e alimentos, que era dado aos comerciantes portugueses. Os privilégios concedidos aos portugueses faziam com que estes fossem vistos como exploradores e opressores.



Cais do Trapiche, Recife. Por esse porto, entravam idéias perigosas.

Pelo porto de Recife, além de mercadorias, entravam idéias liberais. Havia muitas sociedades secretas que se reuniam para discutir e propagar essas idéias. Esses liberais pernambucanos tinham os Estados Unidos como modelo a ser seguido.

O governador de Pernambuco recebeu denúncias sobre o movimento liberal que começava a se formar e mandou prender os implicados. Entretanto, dois oficiais portugueses encarregados dessa missão foram mortos. Um clima de grande euforia tomou conta de todos que se sentiam oprimidos pelos portugueses e a revolta ganhou as ruas. O governador fugiu, e os revoltosos tomaram o poder.

Os revoltosos implantaram o primeiro governo nacional brasileiro. Criaram leis inspiradas na Revolução Francesa e pretendiam proclamar a República. Declararam-se separados de Portugal. A Paraíba logo os seguiu. O Ceará, a Bahia e o Rio Grande do Norte caminharam na mesma direção.

D. João VI reagiu prontamente. Organizou um exército e uma esquadra para acabar com a revolta. Essa não era uma

tarefa fácil, pois os revoltosos conseguiram armar 3 000 pessoas. Os revoltosos resistiram bravamente, mas a superioridade numérica das tropas repressoras não lhes permitiu a vitória.

Com a debelação da revolta, o mais pesado dos castigos se abateu sobre os líderes do movimento. Dozenas de pessoas foram executadas e esartejadas.

Além das revoltas no Brasil, em 1818, começaram a surgir associações secretas de caráter liberal também em Portugal. O principal alvo dessas associações era o absolutismo de D. João VI. Elas queriam limitar o poder dele e obrigá-lo a obedecer a uma constituição.

O movimento liberal foi crescendo em Portugal. A cada dia, era maior o número de simpatizantes. Em 1820, o movimento já estava bastante forte.

Apoiados pelas tropas e pela população, os líderes liberais tomaram o poder. Esse movimento ficou conhecido como Revolução Liberal do Porto.

De posse do poder, os revoltosos tomaram algumas medidas liberais. Convocaram os representantes do povo e votaram uma constituição baseada nas idéias da Revolução Francesa. Eles também exigiram a volta imediata de D. João VI. Ele continuaria rei, mas não governaria mais segundo a sua vontade.

Deveria obedecer à Constituição e ao Parlamento português.

Diante dessa pressão, em 1821, D. João VI voltou para Portugal. O mesmo rei que em 1807 veio obrigado para o Brasil agora voltava obrigado para Portugal.

Parecia que o tempo dos reis estava acabando.

Atividade

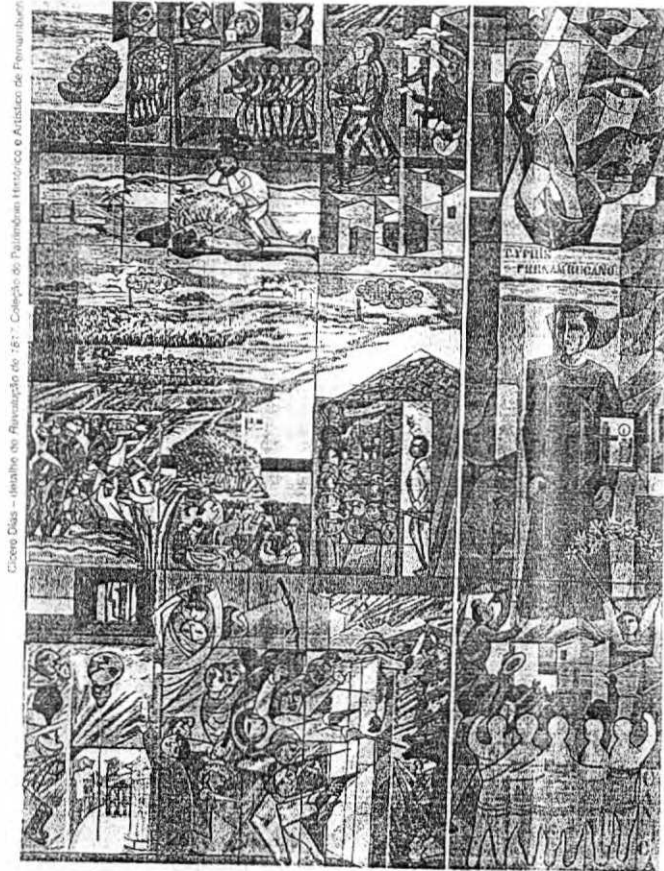
Assimilando
conceitos

1. O *absolutismo* da monarquia portuguesa foi contestado, no Brasil e em Portugal, por movimentos inspirados no *liberalismo*. Explique essa contestação a partir de dois exemplos:
a) Revolução Pernambucana, 1817;
b) Revolução do Porto, 1820.
2. Os tratados assinados em 1810 entre Portugal e a Inglaterra foram benéficos aos ingleses. Confirme essa afirmação com dois exemplos.
3. D. João, o príncipe regente, tomou medidas para modernizar o Rio de Janeiro. Dê exemplos dessa modernização:
a) no setor cultural;
b) na educação;
c) na saúde.
4. Leia o documento abaixo e responda às questões que se seguem.

"Eu, a rainha, faço saber aos que este alvará (decreto) virem: que sendo-me presente o grande número de fábricas e de manufaturas que de alguns anos a esta parte se têm implantado em diferentes capitanias do Brasil, com grave prejuízo da lavoura e da exploração das terras minerais... hei de por bem ordenar que todas as fábricas, manufaturas... sejam extintas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus domínios do Brasil..."

Alvará de D. Maria I. 5-11-1785.

TRABALHA
O PROCESSO
HISTÓRICO



Frei Caneca. Idéias liberais contra a corte portuguesa.

As colônias espanholas se libertaram

Três séculos de exploração e opressão

Olhando para o mapa da América em 1800, notamos como eram grandes os domínios espanhóis no continente. Eles ocupavam uma parte da América do Norte, a maior parte da América Central e uma grande parte da América do Sul.

Ficamos surpresos ao olhar para o mapa da América de 1830. Nele, notamos que o gigantesco império colonial espanhol ficou reduzido a apenas duas pequenas ilhas. Nesses 30 anos, que vão de 1800 a 1830, um vento de liberdade percorreu o continente americano. Seu efeito foi a transformação de colônias em países independentes. Vejamos como isso começou.

A conquista espanhola na América teve início com Colombo. Não demorou muito tempo para que os espanhóis descobrissem que sua parte do continente americano era bastante rica em ouro e prata. O fato de as reservas de metais preciosos pertencerem aos primitivos habitantes do continente não foi problema para os espanhóis.

Em poucos anos, eles assassinaram dezenas de milhares de nativos. Os sobreviventes foram explorados de ma-



- a) Que motivo é alegado pelo alvará para abolir as fábricas e manufaturas no Brasil?
- b) Relendo o capítulo, diga até quando esse alvará ficou em vigor.

5. Compare os planos da Santa Aliança com as medidas tomadas pelos liberais da Revolução do Porto, de 1820. Que diferenças é possível notar?
6. Elabore uma linha do tempo, abrangendo o período de 1800 a 1830, com fatos históricos mencionados neste capítulo. Compare a sua linha do tempo com a do colega mais próximo e veja se elas apresentam diferenças.
7. Leia o documento abaixo e responda à questão que se segue.

"...habitado às oscilações do espírito do príncipe regente (d. João) e aos seus sentimentos de gratidão e respeito em relação à Sua Majestade britânica, estou convencido de que, ao trazê-lo à tona naquela ocasião, defendi para a Inglaterra o direito de estabelecer com o Brasil relações de soberano e vassalo e de exigir obediência a ser paga como preço da proteção."

Carta do embaixador inglês Strangford ao ministro inglês das Relações Exteriores Cannig. 30-11-1807.

Pela leitura do capítulo, você acha que os planos do embaixador inglês deram certo? Justifique a sua opinião.

8. Portugal não tinha condições de enfrentar as tropas de Napoleão. Se ficasse em Portugal, a família real portuguesa, com certeza, teria sido aprisionada pelos franceses. Por outro lado, um monarca não deve abandonar o seu povo. Na sua opinião, o príncipe regente tomou uma medida acertada ao transferir a corte portuguesa para o Brasil? Justifique a sua resposta.

9. Faça uma pesquisa e descubra se na sua cidade existe uma rua, praça, avenida, prédio com o nome de d. João VI. Veja se o monarca português foi homenageado de alguma maneira pela sua cidade.

OPINANDO
E
CRIANDO

PESQUISANDO

neira cruel. Os astecas, os incas e muitos outros povos foram obrigados a trabalhar para os colonizadores espanhóis.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, as colônias espanholas da América forneceram grande quantidade de mercadorias para o comércio espanhol. Por três séculos, as colônias espanholas da América foram uma fonte prodigiosa de renda para a metrópole. Prata, algodão, tabaco, cacau, peles e açúcar eram mercadorias que alimentavam o comércio europeu, resultando em riqueza e poder para a Coroa espanhola. Milhares de espanhóis vieram para as colônias em busca da riqueza fácil. Muitos se tornaram donos de minas e plantações. A maioria dos imigrantes não teve a mesma sorte. Tornaram-se artesãos, comerciantes, funcionários públicos, militares

Com o passar dos anos, os colonizadores foram constituindo família e abandonando a idéia de voltar para a Espanha. Começaram a sentir-se mais americanos e menos espanhóis. A grande obsessão com que o governo espanhol tratava os colonos só fez aumentar esse sentimento. Por volta de 1800, era grande a hostilidade em relação ao governo espanhol.

Motivos não faltavam. Os colonos reclamavam bastante o monopólio comercial. Por ele, só a Espanha podia comprar e vender para as colônias. Na hora de comprar, os comerciantes espanhóis queriam pagar os menores preços. Já no momento da venda, cobravam preços bem altos.

A Espanha também não permitia que se produzisse nas colônias nenhum produto que concorresse com suas exportações. O episódio da destruição dos vinhedos de Nova Granada é um exemplo disso. Os produtores espanhóis queixaram-se da queda em suas exportações para a América, e o rei não teve dúvidas quanto às medidas drásticas que haveria de tomar.

Os colonos também protestavam. Por um lado, eles não eram ouvidos nas decisões políticas que os governos coloniais

tomavam. As leis vinham diretamente da metrópole. Por outro, os altos postos da administração só eram ocupados por espanhóis. Aqueles nascidos nas colônias – mesmo descendentes diretos de pais espanhóis – nem sequer podiam sonhar com um cargo desses.

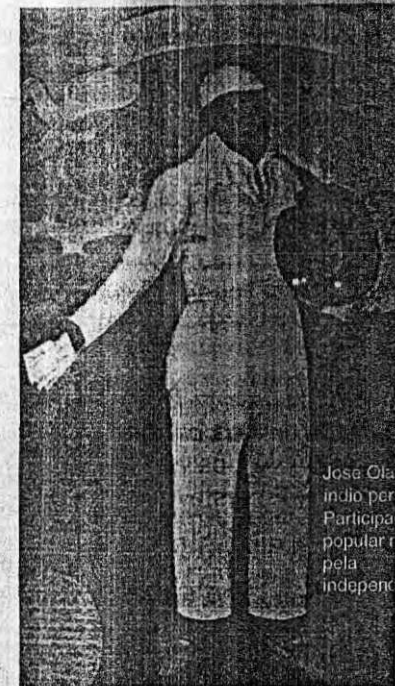
Como Portugal, a Espanha também enfrentava sérios problemas financeiros no final do século XVIII. As reservas do tesouro espanhol haviam sido consumidas pelos constantes conflitos com a Inglaterra, Holanda e França. Para contornar a situação, ela valeu-se de procedimentos semelhantes aos utilizados pelo vizinho ibérico: aumentou a exploração sobre suas colônias na América.

Essa estratégia da administração colonial espanhola agravou o descontentamento dos colonos. No entanto, não foram os comerciantes e fazendeiros que desencadearam a primeira grande revolta contra a dominação da Espanha. Em 1780, Tupac Amaru, líder indígena – junto com 60.000 homens – tentou derrubar o poder espanhol e sua opressão colonialista.

A superioridade militar dos espanhóis derrotou os revoltosos. Tupac Amaru e muitos outros foram executados, tal como os seus ancestrais que tentaram questionar o jugo colonial. No entanto, a revolta e a resistência à opressão passavam a fazer parte das possibilidades de ação dos colonos. Estava acesa a chama da rebelião.

Em meados do século XVIII, as idéias iluministas começaram a ser mais divulgadas no continente americano. Essas idéias afirmavam que os homens eram iguais entre si e que tinham direito à liberdade. Eram idéias que exaltavam a igualdade e a liberdade.

Para os colonos, esses ideais apontavam claramente para a luta de independência. Sabiam muito bem que não eram tratados em condição de igualdade em relação às pessoas da metrópole. O monopólio comercial, que obrigava os colonos a participar em posição desvantajosa nas relações comerciais com a metrópole, também refletia essa desigualdade.



Jose Olayo
índio peruano
Participante
popular na
luta pela
independência

Quanto à liberdade, a situação dos colonos não era nada satisfatória. Eles não tinham o direito de criar as próprias leis. Também não governavam a si mesmos. Enfim, não possuíam liberdades fundamentais para conduzir as próprias vidas. Diante disso, a luta pela liberdade também implicava necessariamente o movimento de independência.

A independência dos Estados Unidos, em 1776, mostrou aos colonos espanhóis que esse ideal não era absurdo. A vitória dos norte-americanos fez com que eles se tornassem modelos exemplares de que os colonos queriam conquistar.

Espanha: a deposição e a libertação

Em seu avanço sobre o território europeu, Napoleão colocava generais, parentes e amigos de sua confiança no comando dos países que conquistava. Após invadir a Espanha, ele destronou o rei espanhol e colocou José Bonaparte, um irmão, no lugar. O desagrado dos espanhóis era tamanho que sua resistência impediu que Napoleão tivesse o controle absoluto do país.

Os esforços dos espanhóis estavam voltados para o combate a Napoleão. Percebendo isso, os colonos da América espanhola viram a oportunidade de aproveitar-se da situação delicada que vivia o país opressor. Era chegado o momento de lutar novamente pela libertação.

Desta vez, os líderes do movimento de libertação foram os *criollos*. Estes eram os descendentes dos espanhóis nascidos nas colônias americanas. Os *criollos*, em termos sociais, estavam abaixo dos peninsulares, ou seja, da minoria de espanhóis (*chapetones*) que detinham os postos da administração colonial. No entanto, sua posição era superior à dos mestiços, índios e negros, que sofriam a discriminação racial e social no mais alto grau. A estes grupos era vedado o direito à instrução e até mesmo o de usar roupas feitas com certos tipos de tecidos, como seda e veludo.

As camadas mais pobres da população apoiavam os *criollos*. Acreditavam que, com a independência, a vida delas ia melhorar. Assim, o desejo de se libertar da Espanha foi tomado conta da maior parte do povo. A partir de 1810, as lutas estouraram em todo o continente.

No México, em 1810, milhares de indígenas, chefiados pelo padre Hidalgo, tentaram tomar a capital. Foram derrotados, e os líderes, fuzilados.

Mas a derrota não os desanimou. Tanto que três anos mais tarde aconteceu uma outra rebelião. Liderados pelo padre Morelos, eles chegaram a tomar o poder e a proclamar a independência. Com a tomada do poder, as camadas mais pobres exigiram o fim das desigualdades sociais. Junto com o padre Morelos, os líderes populares elaboraram leis que permitiam aos pobres participar da política.

Os *criollos* mexicanos não gostaram disso. Eles queriam a independência, mas não queriam os pobres participando do poder. Por isso passaram a colaborar com os espanhóis. Assim, os espanhóis tiveram forças para retomar o poder.

Em 1821, os *criollos* mexicanos conseguiram, do modo deles, fazer a independência de país. Eles queriam que os grupos mais pobres os ajudassem na luta de independência, mas não tinham o menor interesse que esses grupos participassem das decisões do novo país livre.

Revoltas semelhantes às do México estavam acontecendo em outras regiões da América espanhola. O Equador e o Chile se declararam independentes. No ano seguinte, a Venezuela, a Colômbia e o Paraguai seguiram o exemplo. No Peru e na Argentina, a população começou a lutar contra as tropas espanholas. Do México à Argentina, o domínio espanhol parecia estar no fim.

Bolívar, o Napoleão da América do Sul

No início do século XIX, a América estava habituada à imagem lendária de Napoleão Bonaparte como o herói guerreiro e libertador dos povos. Essa imagem mítica que se fazia em torno da pessoa de Napoleão inspirou muitos líderes americanos na luta contra o colonizador.

O caso da colônia francesa na América Central, hoje Haiti, é um exemplo paradoxal disso tudo. Nessa colônia, viviam senhores poderosos, proprietários de muitos escravos e responsáveis por uma parcela importante do mercado produtor de açúcar. Com a eclosão da Revolução Francesa, os escravos e seus líderes

passaram a ter a esperança de libertação em seu horizonte. Acreditavam que os valores de liberdade e igualdade, tão importantes para os revolucionários franceses, seriam aplicados também a eles, pois, afinal, eram dominados pela França.

Logo perceberam que estavam enganados: os franceses não estavam preocupados em acabar com a opressão colonial. Ao contrário, os franceses responderam prontamente quando negros e mulatos da colônia, liderados por Toussaint L'Ouverture, pegaram em armas exigindo o fim da escravidão.

Toussaint L'Ouverture era um grande admirador de Napoleão e era difícil para ele acreditar que o seu grande herói – o mesmo responsável por levar a mensagem revolucionária para toda a Europa – era contrário à independência de seu povo. No entanto, Toussaint foi preso pelas tropas francesas e sofreu a brutalidade colonial: morreu na prisão.

O Haiti, entretanto, conseguiria sua independência em 1804, depois da derrota das tropas francesas para os revoltosos, que já haviam conseguido a abolição da escravidão, em 1793.

Na América do Sul, um outro grande admirador de Napoleão foi responsável pelo processo de independência das colônias espanholas: Simón Bolívar.

Quando Bolívar nasceu, sua família já vivia na América havia mais de 200 anos. Eles eram muito ricos. Possuíam minas, fazendas de gado e muitos escravos. Pertenciam, portanto, à elite *criolla*.

Bolívar foi educado por um professor que tinha grandes simpatias pelo Iluminismo. Aos 16 anos, ele decidiu ir para a Europa a fim de complementar seus estudos. Durante esse período, ele conversou com muitos intelectuais. Foi tomando consciência de que o povo americano só poderia se desenvolver quando se libertasse da Espanha. Permaneceu na Europa até 1806.

Bolívar foi muito influenciado pelo mito napoleônico que citamos anteriormente. O imperador francês representava para ele o novo. Acreditou que poderia fazer na América do Sul o mesmo que Napoleão realizara na Europa.

Simón Bolívar queria uma América unida. O caudilhismo impediu.



Ao voltar para Caracas, percebeu a grande insatisfação dos *criollos* com o domínio espanhol. Em 1810, aproveitando-se dos problemas da Espanha, os *criollos* tomaram o poder em Caracas. No ano seguinte, proclamaram a independência da Venezuela.

A alegria não durou muito. O movimento já nasceu fraco e debilitado, pois dele só participou a elite. Assim, não foi preciso muito esforço para os espanhóis sufocarem mais essa tentativa de emancipação política.

Bolívar escapou. Foi para Nova Granada, atual Colômbia, e recebeu apoio dos *criollos* locais. Queriam que fosse chefe do Exército na luta contra os espanhóis. Bolívar assumiu o comando e obteve muitas vitórias.

Só que o sonho dele era a independência do seu país. Então, desviou o Exército para a Venezuela e conquistou novamente Caracas, em 1814. Aclamado pelo povo, tornou-se o novo chefe político.

Livres de Napoleão, os espanhóis mandaram reforços para suas tropas na América. Os campos de batalha se encharcaram do sangue dos soldados de Bolívar. Nova derrota.



Sucre entrando em Cuzco. Os *criollos* lideraram as lutas pela independência.

Os reverses não afastaram Bolívar do seu ideal de libertar a América do domínio espanhol. Ele compreendeu que, sem um exército muito bem treinado e sem o apoio de toda a população, não teria sucesso. Em 1817, com um grande exército, tentou novamente. As vitórias se sucederam. Nas áreas conquistadas...

Francisco Borges/Saluz. Escola Militar do Carmo

Em troca de dar o inglês a independência – como o veto da Inglaterra para que a Santa Aliança fosse acionada a favor da Espanha – as jovens nações da América foram forçadas a fazer várias concessões aos interesses da burguesia britânica. A produção industrial inglesa inundou esses países, dominando o mercado de diversos produtos. Os banqueiros ingleses cobravam as taxas de empréstimos e prestamos feitos para empresários e fazendeiros. Assim, grande parte das riquezas das antigas colônias continuava migrando para a Europa, desta vez para a Inglaterra.

Atividades

Assimilando conceitos

- Os países latino-americanos que surgiram após a independência do domínio espanhol adotaram o *regime republicano*. Mas os princípios republicanos não prevaleceram nesses países devido ao fenômeno do *caudilhismo*. Mostre isso explicando:
 - o que é um regime republicano;
 - as bases do poder dos caudilhos.

TRABALHANDO O PROCESSO HISTÓRICO

- Como estava dividida a sociedade colonial espanhola na época da independência?
- Explique o descontentamento com a dominação espanhola a partir dos fatos abaixo:
 - monopólio comercial;
 - destruição dos vinhedos de Nova Granada;
 - altos postos da administração colonial ocupados apenas por espanhóis.
- Os movimentos contra a dominação colonial se inspiraram em diversas idéias. Identifique essas idéias a partir dos itens abaixo:
 - o Iluminismo;
 - a independência dos Estados Unidos;
 - o mito Napoleão Bonaparte.

- Várias tentativas de pôr fim à dominação espanhola na América fracassaram. Entre os motivos desses fracassos podemos apontar: poder militar insuficiente, participação apenas da elite, interesses divergentes entre os revoltosos. Explique o fracasso dos movimentos abaixo com base nesses motivos.
 - Revolta de Tupac Amaru.
 - Revolta Mexicana de 1813.
 - Primeiras tentativas de libertação comandadas por Bolívar.

- Como podemos explicar as vitórias de Bolívar após 1817? E a vitória de Ayacucho?

- A Inglaterra impediu que a Santa Aliança intervisse na América em favor dos interesses espanhóis. Qual seria o interesse dos ingleses nessa questão?

- Observe a obra de arte reproduzida abaixo. Seu autor é o famoso muralista mexicano Diego Rivera. Nela, o artista quis retratar a sociedade mexicana. Inspire-se nessa obra e desenhe um painel mostrando a sociedade brasileira atual.



- O sonho de Bolívar, uma América unida e fraterna, não se concretizou na sua época. Nos dias atuais, existem planos de integração entre os países latino-americanos. O Mercosul é um deles. Faça uma pesquisa e responda:
 - Quais países fazem parte do Mercosul?
 - Quais são os objetivos dessa organização?
 - Ela já obteve resultados concretos?

OPINAN
E
CRIAND

PESQUIS

raízes baixas foram dados a Áustria. Em 1720, porém, houve troca de territórios; a Áustria deu a Sardenha à Sabóia e dela recebeu a Sicília.

Na Europa Setentrional, a Inglaterra e a Gales passaram a constituir o Reino da Grã-Bretanha com a união da Es-

Grã-Bretanha foram efetuadas nas colônias, à custa da França.

Na Europa Oriental, o episódio histórico mais dramático foi o aparecimento de Pedro, o Grande, na Rússia e a conquista da Carélia, da Ingria e da Estônia sobre a Suécia.

Henrico e parte da Pomerânia em favor da Prússia.

No sueste europeu, recuavam os turcos que ainda em 1683 haviam ameaçado Viena. A defesa austro-polonesa os havia levado ao Danúbio, reconquistando a Hungria pelos tratados de Carlovitz e de Passarowitz (1699-1718).

A EUROPA NAPOLEÔNICA

O mapa nos dá uma visão geral da Europa desde a Revolução Francesa até 1812.

Em 1789, as fronteiras do Estado correspondiam mais ou menos às atuais, faltando-lhe apenas a Sabóia, Nice e Avinhão.

Coube ao Diretório acrescentar novos territórios. Pelo Tratado de Lunéville, foram incorporados os domínios franceses a Bélgica, a Sabóia e o Condado de Nice. O território de Avinhão alcança as fronteiras naturais da Gália Antiga, isto é, Pireneus, Reno e Alpes.

O Império Francês de Napoleão sofreu notável modificação de limites. As conquistas napoleônicas foram as seguintes: Genebra; grande parte da Itália (incluindo estados da Igreja); a costa adriática e grande parte do litoral do Mar do Norte até o Elba. Napoleão ainda cercou o Império Francês de reinos dependentes, distribuídos a parentes seus. Destacaram-se o reino da Holanda, entregue a seu irmão Luís; o da Itália, ao seu enteado Eugênio de Beauharnois; o de Nápoles, ao seu cunhado Murat e o da Espanha, ao seu irmão José.

A Polônia, que havia desaparecido depois do terceiro e último desmembramento, em 1795, foi, em parte, restabelecida por Napoleão, com a criação do Grão-Ducado de Varsóvia, formado à custa de territórios poloneses adquiridos pela Rússia, Áustria e Prússia, em partilhas anteriores.

Outra feição característica da Europa Napoleônica foi a criação da Confederação do Reno, da qual faziam parte a Saxônia, a Baviera, a Westfália, grande número de pequenos principados alemães e o Hanover.

No encarte, o local das principais campanhas de Napoleão, até Waterloo em 1815.



m. FERREIRA, José Roberto Martins, 1950 - História
 7ª série / Martins - Ed. Reformata - S.P. FTE 1977

A EUROPA NO SÉCULO XVIII

Os dispositivos dos Tratados de Westfália haviam sido modificados pela expansão francesa. As campanhas de Luís XIV alargaram os domínios franceses à custa dos Países-Baixos espanhóis. Dunquerque, Lille, Arras, Valenciennes tornavam-se cidades francesas. Strasbourg e outras eram incorporadas à França pelas Câmaras de Reunião. Só a Lorena é que estava ainda para ser anexada, em 1738-1766.

O acontecimento político mais importante nos primeiros anos do século XVIII foi a tentativa de Luís XIV para unir a França e a Espanha sob a mesma coroa de seus sucessores. Se passassem deste modo para a França as possessões americanas da Espanha, era a hegemonia da França no mundo ocidental que iria comprometer os interesses coloniais e comerciais da Grã-Bretanha e da Holanda. Daí a coligação contra Luís XIV, na qual entrou a Áustria e se juntaram também a Sabóia e Portugal.

Sem ser vitoriosa, a França conseguiu sair honrosamente do grande conflito (Guerra de Sucessão da Espanha) com o Tratado de Utrecht que manteve o neto do rei Bourbon no trono da Espanha.

No Mediterrâneo houve algumas importantes redistribuições territoriais: Gibraltar e Minorca ficaram com a Grã-Bretanha; a Sicília caubte à Sabóia; Nápoles e os Países-Baixos foram dados à Áustria. Em 1720, porém, houve troca de territórios; a Áustria deu a Sardenha à Sabóia e dela recebeu a Sicília.

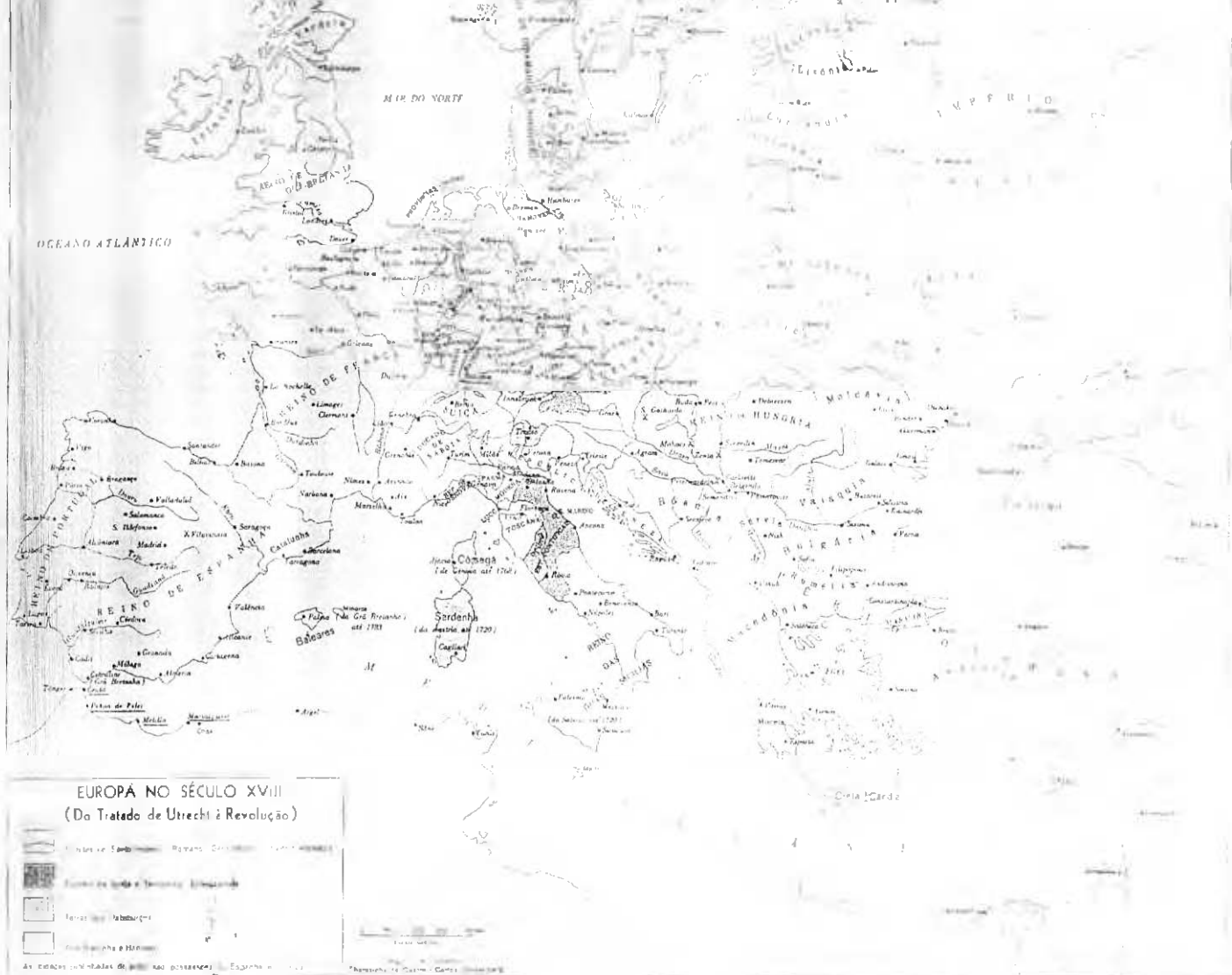
Na Europa Setentrional, a Inglaterra e Gales passaram a constituir o Reino da Grã-Bretanha com a união da Es-

cócia em 1707. Alterações mais consideráveis em favor da Grã-Bretanha foram efetuadas nas colônias à custa da França.

Na Europa Oriental, o episódio histórico mais dramático foi o aparecimento de Pedro, o Grande, na Rússia e a conquista da Carélia, da Ingria e da Estônia sobre a Suécia,

que perdeu seus bispados de Bremen e Verden em favor do Hanover e parte da Pomerânia em favor da Prússia.

No sueste europeu, recuavam os turcos que ainda em 1683 haviam ameaçado Viena. A defesa austro-polonesa os havia levado ao Danúbio, reconquistando a Hungria pelos tratados de Carlowitz e de Passarowitz (1699-1718).



A EUROPA NAPOLEÔNICA

O mapa nos dá uma visão geral da Europa desde a Revolução Francesa até 1812.



cidade deserta e em chamas, não conseguiram abrigo para descansar nem alimentos para repor as forças das tropas e dos animais famintos. Também não encontraram os inimigos.

Nesse episódio, Napoleão foi pego de surpresa, pois o exército russo havia recorrido à hábil estratégia conhecida como *terra arrasada* — a destruição intencional do local pouco antes da invasão para dificultar a obtenção de suprimentos e a retirada do contingente militar para impedir confrontos abertos com os invasores.

A manobra representou um desastre para o exército francês. Sem saída, as tropas napoleônicas deixaram a cidade sob rigoroso inverno e, desgastadas, quase foram aniquiladas pelos ataques realizados à retaguarda, pelo frio e pela fome.

A derrota fortaleceu a Inglaterra e seus aliados. Arruinado, Napoleão teve de renunciar, em 1814, ao trono francês e foi exilado na ilha de Elba. Os vitoriosos ocuparam a França, restabeleceram a monarquia dos Bourbon e conduziram ao trono Luís XVIII, irmão do rei guilhotinado em 1793.

Ao mesmo tempo, os países vitoriosos decidiram se reunir e traçar os destinos da Europa, organizando-se no *Congresso de Viena*.

4. O governo dos cem dias

O restabelecimento da monarquia dos Bourbon na França foi seguido do retorno dos nobres que haviam fugido do país no início da revolução. Ao voltar, os exilados tentaram recuperar os antigos direitos e reaver seus bens, o que gerou grande insatisfação popular.

Percebendo que o momento era propício para intervir mais uma vez no cenário político, Napoleão conseguiu fugir

As contradições do Imperador

Há divergências entre os historiadores a respeito do governo de Napoleão: ele foi ou não um continuador da revolução? Trata-se de uma questão polêmica. Por um lado, é inegável que Napoleão contrariou os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade ao impor um regime despótico na França e ao estabelecer a dominação francesa em outros países.

Por outro lado, o imperador assegurou as principais conquistas revolucionárias, como a reforma agrária e as reformas administrativa e educacional. A ambigüidade da política napoleônica fica ainda

Napoleão Bonaparte no campo de batalha de Eylau, quadro de Antoine-Jean Gros, 1808. Napoleão conquistou inúmeras vitórias contra seus adversários e impôs seu domínio a vários países europeus. Com isso, expandiu muitas das conquistas da Revolução Francesa, contribuindo para enfraquecer o Antigo Regime na Europa.

de Elba e, em março de 1815, retomou o poder. O novo ano não durou apenas cem dias. Napoleão foi definitivamente vencido na *batalha de Waterloo*, na Bélgica, em junho de 1815. Dessa vez, os ingleses o enviaram para um local mais distante: a ilha de Santa Helena, em pleno oceano Atlântico, onde morreu em maio de 1821.

5. O Congresso de Viena

Como vimos, após a primeira derrota de Napoleão, as nações vencedoras e seus aliados se reuniram no Congresso de Viena, na Áustria, com o objetivo de decidir os destinos da Europa, refazer o mapa do continente e restabelecer os governos anteriores às conquistas de Napoleão. O congresso, porém, foi temporariamente suspenso durante os cem dias de governo de Napoleão.

Depois de retomados os encontros, as monarquias resolveram tomar providências para inibir futuros movimentos revolucionários. Por isso, criaram a *Santa Aliança*, uma força militar formada pelos exércitos monárquicos para garantir a ordem no continente e também nas colônias europeias. Na verdade, tratava-se de uma tentativa de voltar à situação anterior a 1789.

Apesar de o cenário recomposto pelo Congresso de Viena ter recebido o nome de Restauração, já não era o mesmo dos tempos do Antigo Regime: os governantes, por exemplo, foram obrigados a adotar Constituições. De todo modo, porém, a "nova ordem" ignorava os anseios propagados pelas revoluções burguesas e, justamente por essa razão, não conseguiria durar muito tempo. Como veremos na Unidade IX, no decorrer do século XIX, uma nova onda de revoluções ocorreu na Europa, derrubando governantes de vários países.

mais evidente se considerarmos que ele instituiu um novo Código Civil, com o objetivo de reunir e sistematizar as leis e os decretos da revolução. Além disso, estendeu essas conquistas aos países ocupados ou vencidos por seu exército, extinguindo a Inquisição e a servidão. Em diversos sentidos, Napoleão deu continuidade ao processo iniciado pela revolução e contribuiu para difundir seus ideais modernizadores.



Bonapartismo

No vocabulário político, a palavra *bonapartismo* designa um tipo de governo semelhante ao que foi exercido, primeiro, por Napoleão Bonaparte (1799-1815) e, mais tarde, por seu sobrinho, Luís Bonaparte (1848-1870), que se sagrou também imperador da França, em 1851, com o nome de Napoleão III. Na França, o bonapartismo pode ser considerado, por várias razões, herdeiro da Revolução de 1789. Originalmente, combinava elementos do despotismo ilustrado e do pensamento iluminista mais radical de Rousseau. A partir de 1851, incorporou ao seu programa reivindicações sociais impostas pelo desenvolvimento industrial.

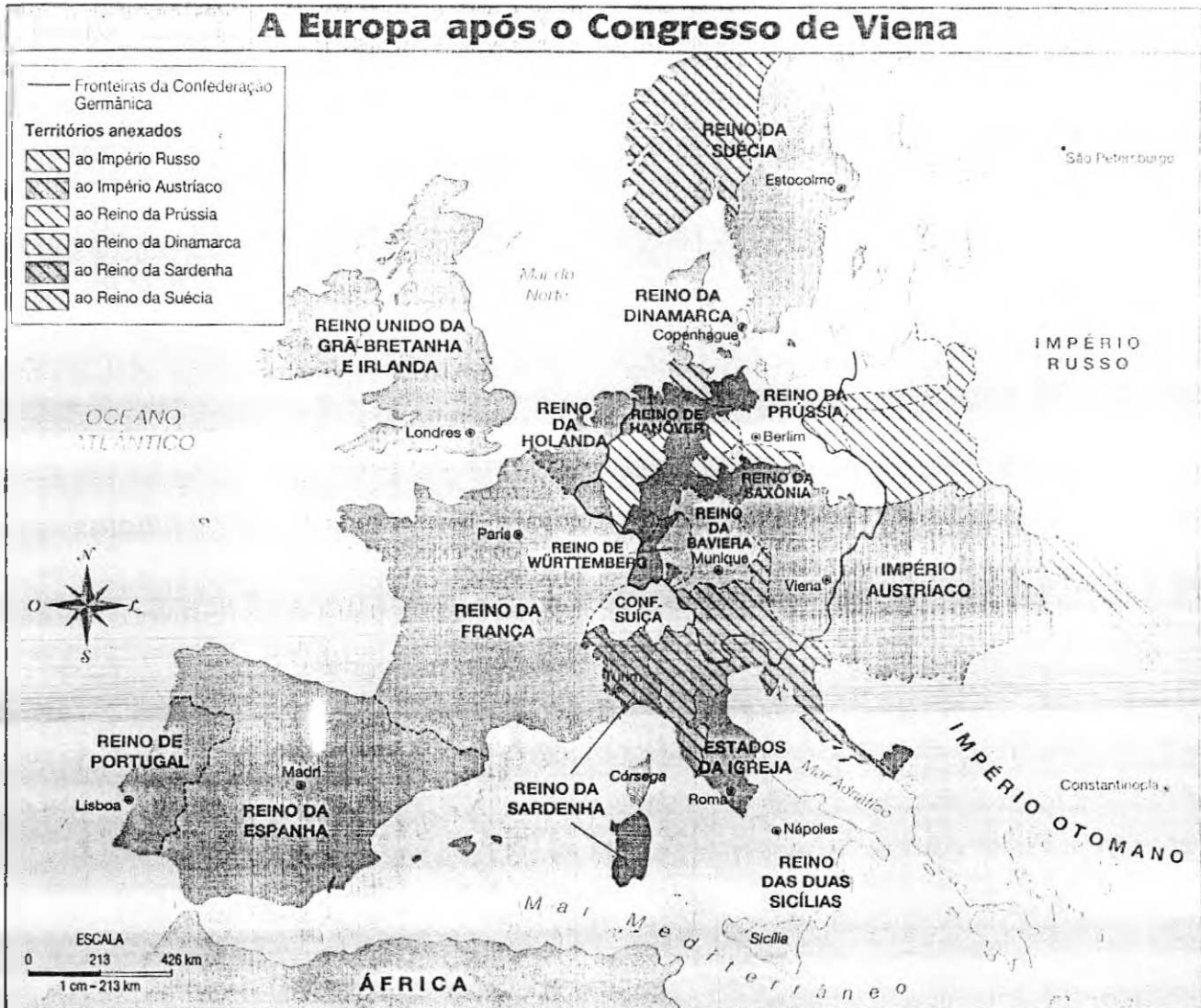
O surgimento do bonapartismo se explica pela crise social e política que a França vivia por volta de 1800. A crise decorria do fato de que nenhuma das classes sociais em conflito era capaz de se impor politicamente. Esse quadro de desordem pública abriu caminho para o aparecimento de um

homem forte, um ditador, que se colocou acima das classes sociais e assumiu o papel de árbitro entre elas.

Nos dois casos, a ditadura bonapartista recebeu aprovação popular por meio de plebiscitos, forma de consulta pela qual os eleitores devem responder se aprovam ou não determinadas propostas.

Entretanto, um apoio difuso da sociedade não seria suficiente para manter a ditadura bonapartista por períodos prolongados. O que garantiu a sustentação dos dois Bonaparte foi o efetivo apoio dos camponeses, graças a Napoleão I — e, por extensão, também a Napoleão III — pelo fato de ele ter respeitado a distribuição de terra promovida durante a Revolução Francesa. Na verdade, a suposta imparcialidade do bonapartismo foi mais aparente do que real, pois as medidas postas em prática pelos dois imperadores coincidiram, na realidade, com os interesses econômicos da classe dominante, a saber, a burguesia.

A Europa após o Congresso de Viena



Fonte: SEERIN, Pierre & BLASSELLE, René. *Atlas Bordas géographique et historique*. Paris, Bordas, 1996.

◆◆◆ *Análise* ◆◆◆

1. A França passava por instabilidade política e econômica, quando, no final de 1799, Napoleão Bonaparte desfechou o golpe de Estado do 18 de Brumário e tomou o poder. Resuma as instabilidades vividas pela França naquele momento.
2. No poder, Napoleão Bonaparte tomou diversas medidas para estabilizar a economia francesa, abrindo a perspectiva de um desenvolvimento maior para a burguesia. Ao mesmo tempo, adotou medidas populares, com o objetivo de amenizar os ânimos políticos e ampliar sua base de apoio. Enumere e comente as medidas de Napoleão Bonaparte no governo.
3. As ações internacionais empreendidas por Napoleão alteraram o mapa europeu. Comente a política externa praticada por Napoleão.

◆◆◆ *Trabalhando o contexto* ◆◆◆

4. Júlio César, Napoleão, Hitler. A história está repleta de exemplos de líderes que arrastaram um grande número de pessoas à guerra, com o objetivo de constituir impérios. Reunite-se com um grupo de colegas e procurem informações sobre esses personagens. Depois, escrevam um texto, apontando o que eles têm em comum.

◆◆◆ *Síntese* ◆◆◆

5. Napoleão Bonaparte construiu em pouco tempo um dos maiores mitos da história. Militar habilidoso, é interpretado por alguns como grande estrategista e estadista. Já por outros é visto, simplesmente, como um megalomaniaco. Encontre argumentos que justifiquem as duas posições.

LEITURA E DEBATE

Napoleão: o estrategista da própria popularidade

Defensor dos ideais revolucionários que tomaram conta de sua pátria, Napoleão Bonaparte prometeu aos franceses que transformaria o país na maior potência mundial. E cumpriu.

Carismático e hábil militar, como poucos de seu tempo, Napoleão se investiu de tanto poder que acabou se transformando em ameaça real às demais nações européias. E, se por um lado, se revelasse um ditador, cujas ações todos temiam criticar, por outro, tudo fazia ao povo francês para manter sua popularidade em alta.

Conheça a seguir um pouco mais dessa figura contraditória e, por isso mesmo, genial.

As políticas econômicas financeiras de Napoleão destinavam-se a fortalecer a França e aumentar a popularidade pessoal do imperador. Para estimular a economia e conservar o apoio dos burgueses que haviam colaborado para que ele tomasse o poder, Napoleão auxiliou a indústria, por meio de tarifas e empréstimos, e estimulou o comércio, construindo ou reparando estradas, pontes e canais. Para proteger a moeda contra a inflação, fundou o Banco da França, controlado pelos principais financistas do país. Abrindo as carreiras aos homens de talento, endossou uma das principais reivindicações da burguesia durante a revolução. Temendo que a falta de pão provocasse rebeliões, proporcionou alimentos a baixos preços e criou empregos para os trabalhadores. Tornou-se simpático aos camponeses por não restabelecer privilégios feudais e por permitir que conservassem as terras que haviam obtido durante a revolução. (...)

Com diferentes graus de determinação e sucesso, Napoleão estendeu as reformas da revolução a outras terras. Seus funcionários instituíram o Código Napoleônico, organizaram um serviço civil efetivo, abriram carreiras ao talento e nivelaram os encargos tributários. Além de abolir a servidão, os pagamentos senhoriais e as cortes da nobreza, eliminaram os tribunais clericais, fomentaram a liberdade religiosa, autorizaram o casamento civil, exigiram que se concedessem direitos civis aos judeus e combateram a interferência do clero na autoridade secular. (...)

(Marvin Perry. *Civilização ocidental, uma história concisa*. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 342-4.)

Sobre o texto

1. Relacione as medidas de Napoleão para agradar à burguesia, aos trabalhadores urbanos e aos camponeses.
2. Qual foi a importância de Napoleão para a queda do Antigo Regime na França e na Europa?
3. Napoleão certa vez escreveu: "Milhares de séculos decorrerão antes que as circunstâncias acumuladas sobre a minha cabeça vão encontrar um outro na multidão para reproduzir o mesmo espetáculo". (Citado em: Gustavo Freitas. *999 textos e documentos de história*. 2. ed., Lisboa, Plátano, v. 3, s.d., p. 124.) Segundo esse texto, qual era o papel histórico que Napoleão atribua a si próprio?

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
SEVERINO CABRAL
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: ANA TEREZA
ORIENTADORA: FRONIDES
ESTAGIARIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SERIE: 7^A A

ATIVIDADE: EXERCÍCIO

QUESTÕES

1. De acordo com as aulas os textos de Martins a respeito da dominação napoleônica no mundo e da vinda da Família Real para o Brasil, responda:
 - a) Explique as razões históricas que fizeram a Família Real vir para o Brasil.
 - b) Diga o que foi o Bloqueio Continental? E explique porque ele foi criado.
 - c) Caracterize a história de Napoleão antes e depois que ele se tornou Imperador da França, pontuando suas aproximações e suas contradições em relação aos princípios da Revolução Francesa.
 - d) Descreva analiticamente as mudanças sociais e estruturais ocorridas no Rio de Janeiro logo após a chegada da Família Real.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
SEVERINO CABRAL
DISCIPLINA - HISTÓRIA
PROFESSOR - JAILSON ALVES DA COSTA

REDAÇÃO - 2016 - 1º

- 1 DAVI MARTINEK - 7,5
- 2 SAULO ALVES B. - 7,0
- 3 KEVEN CARLOS
- 4 RAMON - 7,0
- 5 PRISCILLA NI MATOS - 7,0
- 6 FABR. SOARES - 6,5 - 7,0
- 7 HITALLO - 6,5 - 7,0
- 8 ELISÂNGELA - 6,5 - 7,0
- 9 ALEXSANDRO B. - 6,5 - 7,0
- 10 ELIENNAY DE A. FERREIRA - 6,5 - 7,0
- 11 EDILENE BATISTA MARINHO - 8
- 12 EMANUELA BATEGA MARINHO - 8,0
- 13 TAMIRES BATISTA - 10,0
- 14 MARIA MÁRCIA - 10,0
- 15 JOVANA R. DE OLIVEIRA - 6,5 - 7,0
- 16 ESTELA RAQUEL DA SILVA LIMA - 6,5 - 7,0
- 17 TANY KLEBER - 6,5 - 7,0
- 18 DAVIDSON MICHAEL - 6,5 - 7,0
- 19 FABRÍCIO - 7,5
- 20 JONATAS - 7,5
- 21 LUANA SOARES - 6,0 - 7,5
- 22 EADMAKSON S. PAIVA - 6,0 - 7,5
- 23 ELIZABETE ROÇA - 8,0
- 24 ANNY DANIELLY - 8,0
- 25 VERONICA - 7,0
- 26 ALINE - 7,0
- 27 JAMIELE A. NASCIMENTO - 7,0
- 28 MARCOS DAMINHAO DOS S. COSTA - 7,0
- 29 JAQUELINE - 8,0
- 30 HORNYSCHYAR - 8,0
- 31 DANIELA - 7,0

32. RENATA - 7,0
33. GUSTAVO - 8,5
34. JEFFERSON - 8,5
35. GERLÂNIA GABRIELLA - 9,0
36. SUENE FERREIRA - 7,0
37. BRUNO DOS REIS SANTOS - 7,0
38. ESDIAS VIEIRA FERREIRA - 7,0
39. ROMILDA NARCIZA M. DE QUEIROZ - 8,5
40. ÉRICO A. M. DE QUEIROZ - 8,5
41. ELIANE DOS S. SILVA - 5,5 - 7,5
42. SUFENI DAS S. SENEANA - 6,5 - 7,0
43. CÍNIA LEX GRES
44. SERLIAB NALLES
45. CIÁ. DIA ALINE - 6,5 - 7,0
46. ANDRÉIA GUEDES - 6,5 - 7,0
47. ROSANA - 7,5
48. GEOVANA - 7,5
49. VINÍCIOS EUGÊNIO - 7,0
50. ADJAILTON DE MORAIS - 7,0
51. ALEXSANDRO LIMA - 8,0
52. WILLIANA B. COSTA - 8,0
53. ALISSON IUCIANO - 8,0
54. RODOLFO SANTOS - 8,0
55. ROSILANIA BARBOSA - 7,5
56. ROSEANE FERREIRA SILVA - 7,5
57. ANDREZA - 7,0
58. KATRUSCIA - 7,0
59. HADMAN ANGELICA - 9,0

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
SEVERINO CABRAL.
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIÁRIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SÉRIE: 1ª A

PLANO DE AULA

TÍTULO: A ocupação da América

TEMA: A ocupação da América -- Quando e por onde?

1 – OBJETIVOS

- Contribuir para que os alunos possam perceber que a história não é feita de verdades incontestáveis mas sim, que ela é feita de versões que podem ser contestadas ou não.
- Contribuir para que os alunos possam entender que a ocupação da América, ainda é uma questão em estudo, embora haja várias teorias a seu respeito.
- Apresentar o que se tem de mais aceito pela comunidade científica a respeito da ocupação da América.

2 – CONTEÚDO:

- A teoria de Clóvis;
- A pesquisa em Monte Verde no Chile;
- O sítio de Pedra Pintada;
- O sítio de Pedra Furada;
- Luzia, a primeira “brasileira”?
- Novas pesquisas, novas hipóteses.

3 – METODOLOGIA

As aulas serão ministradas a partir de:

- Apresentação e discussão de cartazes e mapas;
- Aulas expositivas discursivas;
- Utilização de quadro negro e giz;
- Trabalhos com textos complementares.

4 - AVALIAÇÃO

A avaliação se realizará a partir da aplicação de um exercício discursivo, além de se levar em conta a participação dos alunos em sala de aula

5 - BIBLIOGRAFIA

FIGUEIRA, Divalto Garcia – História – volume único/Ensino Médio/ S.P.
Editora Ática. 2000.

MORAIS, José Geraldo Vinci de, 1960 – Caminhos das Civilizações História
Integrada: Geral e do Brasil. S.P. Editora Atual.

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO
SEVERINO CABRAL
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIÁRIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SERIE: 1ª A

PLANO DE AULA

TÍTULO: O Oriente Próximo.

TEMA: O Egito

1 – OBJETIVOS

- Apresentar o Oriente Próximo como sendo o lugar, onde surgiu a primeira civilização.
- Proporcionar uma visão geográfica do Egito, relacionando-o com a sua própria formação histórica.
- Proporcionar aos alunos uma visão ampla do Egito que inclua seus aspectos políticos, culturais, econômicos e sociais.
- Apresentar aos alunos a estrutura política e arquitetônica a partir da religião.

2 – CONTEÚDO

- *O Oriente próximo;*
- O Egito;

- O meio geográfico;
- Estudo da escrita egípcia;
- A Era dos Faraós;
- A organização social;
- A religião como base da civilização egípcia.

3 – METODOLOGIA

As aulas serão realizadas a partir de:

- Aulas expositivas e discursivas;
- Apresentação e discussão de mapas e cartazes;
- Utilização do quadro e giz;
- Trabalho com textos seguidos de exercícios discursivos.

4 – AVALIAÇÃO

A avaliação se realizará a partir da aplicação de um exercício discursivo, Além de se levar em conta a participação dos alunos em sala de aula.

5 – BIBLIOGRAFIA

FIGUEIRA, Divalto Garcia – História – Volume Único/ Ensino Médio/ S.P. Editora Ática. 2000.

MORAIS, José Geraldo Vinci de, 1960 – Caminhos das Civilizações – História Integrada: Geral e do Brasil – S.P. Editora: Atual.

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MEDIO
SEVERINO CABRAL.
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIÁRIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SÉRIE 1ª A

PLANO DE AULA

TÍTULO: Antiguidade no Oriente Próximo

TEMA: Mesopotâmia

1 – OBJETIVOS

- Mostrar aos alunos, a localização geográfica da Mesopotâmia.
- Apresentar aos alunos, os primeiros povos que habitaram a região da Mesopotâmia, a partir de seus aspectos, político, econômico e religioso.
- Mostrar a organização social e política da Mesopotâmia, a partir da “descentralização do Estado”

2 – CONTEÚDO:

- Introdução.
- Economia e Sociedade.
- Organização social e religiosa.
- O poder político
 - Os Sumérios
 - Os Acádios
 - O Império Babilônico
 - Os Assírios
 - Os Caldeus e o Novo Império Babilônico.

3 – METODOLOGIA

As aulas serão ministradas a partir de:

- Apresentação e discussão de cartazes e mapas.
- Aulas expositivas discursivas.
- Utilização de quadro e giz.
- Trabalho com texto de época.

4 - AVALIAÇÃO

A avaliação se realizará de forma contínua, a partir da discussão em sala, além da aplicação de exercícios referente a cada assunto discutido.

5 - BIBLIOGRAFIA

COTRIN, Gilberto. 1996 História e Consciência do mundo. S.P. Edt. Saraiva

MORAIS, José Geraldo Vinci de, 1960 Caminhos das Civilizações História Integrada: Geral e do Brasil. S.P Editora Atual.

◆◆◆ Análise ◆◆◆

1. Um elemento decisivo na história da humanidade foi o domínio do fogo. Explique algumas consequências desse acontecimento para a vida dos seres humanos daquela época.
2. O cultivo de vegetais provocou mudanças imediatas e importantes entre os grupos humanos. Cite e comente algumas dessas mudanças.
3. Quais as diferenças entre os povos que viveram no Paleolítico e no Neolítico? Elabore um quadro explicativo sobre o assunto.

◆◆◆ Trabalhando o contexto ◆◆◆

1. Durante milhares de anos, os seres humanos aprenderam a transformar a natureza em proveito próprio. Co-

LEITURA E DEBATE

Nosso lugar no universo

o longo de sua história, os seres humanos foram capazes de criar mecanismos sofisticados que garantem a eles um grande controle do meio ambiente. Uma primeira vista, pode ser considerado sinal do progresso e de superioridade da espécie humana. Uma análise mais detalhada, porém, mostra que essas tentativas "conquistadas" podem ocasionar a destruição de nossa espécie e da própria Terra. Final, os caminhos tentados pelos seres humanos resultaram em um mundo marcado por fortes desequilíbrios sociais e ambientais.

O universo físico existe há uns 20 bilhões de anos. A Terra foi formada somente há 4,6 bilhões de anos. A vida na Terra surgiu surpreendentemente cedo, provavelmente há cerca de 3,5 bilhões de anos. Os primeiros organismos vivos eram pequenos, simples células. Depois, apareceram animais maiores e mais complexos.

Ao longo desse tempo, surgiram numerosas espécies animais, mas a maioria se extinguiu. De todas as espécies animais, só um por cento está viva atualmente.

E quanto a nossa espécie? Até agora, estamos no mundo há meros 100 mil anos ou algo assim. Nosso ancestral imediato, o *Homo erectus*, parece ter durado ao redor de 1,5 milhão de anos e, antes disso, o *Homo habilis*

mo resultado desse longo processo, vivemos hoje em um mundo que garante a muitas pessoas o conforto de um lar aquecido. Entretanto, nunca foram tantos os desequilíbrios ambientais, que colocam em risco, inclusive, a própria existência da humanidade. Reúna-se com um grupo de colegas e participe de um debate sobre o assunto. No final, escreva um relatório com as conclusões do grupo.

◆◆◆ Síntese ◆◆◆

5. Escreva um texto relacionando a produção de cerâmicas, de tecidos e de metais com o aparecimento de sociedades complexas.

ocupou partes da África durante quase 1 milhão de anos. Em terra, parece que os nossos projetos são bons no mínimo para o próximo milhão de anos. Na verdade o último representante da linha *Homo*, o *Homo sapiens sapiens* é capaz de exercer um controle muito mais amplo sobre o meio do que qualquer outra espécie. Assim, poderíamos esperar que ele fosse capaz de evitar por completo o destino da extinção. Os humanos são certamente criaturas extremamente adaptáveis e podem responder às mudanças com soluções tecnológicas apropriadas.

Adaptado de: Richard Leakey *A evolução da humanidade*. São Paulo: Brasiliense, Melhoramentos/Círculo do Livro, editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 20-1.

Sobre o texto

1. Elabore uma linha do tempo, assinalando o surgimento do universo, a formação da Terra, o aparecimento da vida, dos primeiros ancestrais dos seres humanos e da nossa espécie. Depois, faça um texto comparando a "idade" dos seres humanos com a da Terra.
2. Na sua opinião, o que hoje ameaça a existência dos seres humanos e da Terra?
3. O que deveria ser feito para preservar a vida na Terra?

33-23

A ocupação da América

Pesquisadores acreditam que a América foi provavelmente o último dos continentes a ser ocupado pelo ser humano. A data em que isso teria ocorrido, entretanto, é motivo de controvérsia.

Podemos dizer, de maneira simplificada, que as discussões se concentram em duas questões: quando teriam chegado os primeiros povoadores e que caminhos teriam percorrido.

O debate é de extrema importância. Por muito tempo, considerou-se que a história da Améri-

ca só teve início com a chegada dos europeus ao continente, no final do século XV. Todo o período anterior era classificado como pré-histórico, ou seja, sem história. Sabe-se hoje que a história dos povos americanos é bem mais rica e antiga do que os conquistadores europeus imaginavam. O objetivo das pesquisas atuais é, justamente, conhecer o passado dos povos americanos por uma outra perspectiva: a dos primeiros povoadores do continente e de seus descendentes.

Para refletir e discutir

No interior de Minas Gerais, em Lagoa Santa, encontra-se um dos principais sítios arqueológicos do Brasil. Ali foi encontrado o mais antigo fóssil humano das Américas, com aproximadamente 11,5 mil anos de idade. Pertencente a uma mulher, o fóssil foi batizado com o nome de Luzia. Por meio de técnicas de computação foi possível reconstituir a fisionomia de Luzia, como se pode observar na imagem.

O estudo do fóssil, entre outras coisas, indicou características, como idade provável da morte (por volta de 20

anos), altura (1,50 m) e alguns hábitos alimentares (comia frutos, raízes e folhas, raramente carne).

Reúna-se em grupo e procure explicar como é possível obter informações a partir do exame de um fóssil.



A cabeça de Luzia foi reconstituída na Universidade de Manchester, Inglaterra, e revelou surpreendentes traços neolíticos.

1. Teoria Clóvis

Por muito tempo, a teoria mais aceita nos meios científicos foi a de que os primeiros povoadores teriam chegado à América há cerca de 11,5 mil anos. Vindos da Sibéria pelo extremo norte da Ásia, teriam atravessado o estreito de Bering e chegado ao Alasca (veja o mapa da página 15). Naquela época, o planeta Terra estava sofrendo o efeito da última Glaciação, e o rebaixamento dos oceanos facilitava o acesso entre os dois continentes.

As imensas geleiras existentes na América do Norte impediram, durante longo tempo, que esses povos migrassem em direção ao sul. À medida, porém, que as massas geladas começaram a se desfazer, abriu-se um caminho por onde os grupos humanos puderam passar e ir ocupando todo o continente.

Essa versão do povoamento é conhecida como *teoria Clóvis*. Ela foi originada das pesquisas arqueológicas realizadas na região do Novo México, Estados Unidos, em 1937. Os vestígios deixados pelos grupos humanos que aí viveram, ba-

As análises feitas pelo método de radiocarbono-14 (C14) apontam para o início da ocupação humana no continente deu-se em torno de 11,5 mil anos.

Descobertas recentes em outros sítios arqueológicos colocam em dúvida essa teoria. Alguns dos mais recentes são de Meadowcroft na Pensilvânia, Estados Unidos, e de Monte Verde, no Chile; e os de Lagoa Santa, no Brasil, e Pedra Pintada, no Pará (veja o mapa da página 10).

Com as novas pesquisas realizadas em 2000, pode-se supor que os primeiros povoadores do continente há pelo menos 20 mil anos, ou 10 ou 50 mil anos.

2. A pesquisa em Monte Verde, no Chile

Entre os principais sítios arqueológicos que permitem questionar a teoria Clóvis, no Chile.

Na década de 1970, foram encontrados artefatos de madeira, restos de alimentos e ferramentas ainda hoje são cultivadas pelos nativos da região. A teoria de uma ocupação humana sustentada por toras e colinas de madeira. As evidências mais antigas datam de aproximadamente 12,5 mil anos.

Essas descobertas podem modificar as hipóteses sobre o povoamento do continente. O sítio de Monte Verde, no sul do continente. Sabe-se que os primeiros seres humanos em áreas desprovidas costumavam utilizar ferramentas de pedra lascada. Assim, para que seres humanos tenham estado tão longe numa época tão remota, seria preciso ter atravessado o estreito de Bering muitos milhares de anos antes. Já se começa a aceitar que a chegada humana pode ter acontecido há 20 mil anos.

3. O sítio de Pedra Pintada

A teoria Clóvis encontra oposição de parte de Anna Roosevelt, professora de antropologia da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Ela descobriu, em 1956, uma equipe que pesquisou a caverna de Pedra Pintada, em Monte Alegre, Pará, na margem do rio Amazonas. Entre outros vestígios da presença humana foram encontrados pontos de lança e cacos de cerâmica datados de 6,8 mil anos.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo (5/3/1997), Anna Roosevelt declarou: "Levei o material coletado para 69 laboratórios de vários países. Os resultados foram parecidos e nos permitiram concluir que os primeiros humanos (como são chamados os primeiros habitantes da América) viveram na região amazônica de 11,2 a 10 mil anos atrás".

Arqueológicos apontam para o início da ocupação humana no continente deu-se em torno de 11,5 mil anos atrás. Alguns dos mais recentes são de Meadowcroft na Pensilvânia, Estados Unidos, e de Monte Verde, no Chile; e os de Lagoa Santa, no Brasil, e Pedra Pintada, no Pará (veja o mapa da página 10).

Com as novas pesquisas realizadas em 2000, pode-se supor que os primeiros povoadores do continente há pelo menos 20 mil anos, ou 10 ou 50 mil anos.

4. O sítio de Pedra Furada

Existem muitas dúvidas, entretanto, em relação aos vestígios de Pedra Furada. A existência de fósseis humanos da mesma época levada em consideração a ideia de que as pedras lascadas e os pontos de lança são produtos de uma cultura, por exemplo.

Quando se comprovou a existência de artefatos de presença humana nesse local, feitas pela equipe do arqueólogo Guido, vai ser preciso admitir a presença humana no nordeste brasileiro há mais de 20 mil anos. Consequentemente, sua chegada ao continente teria acontecido numa data ainda mais remota.

5. Luzia, a primeira "brasileira"?

Em 1975, foi desenterrado em Lagoa Santa, local próximo de Belo Horizonte, Minas Gerais, o mais antigo fóssil humano já encontrado no continente americano. Ele foi localizado no interior de uma caverna a 13 metros de profundidade.

Como já vimos, pelo exame do fóssil foi possível que se tratava de uma mulher, com altura aproximada de 1,5 metro e que deve ter falecido com pouco mais de 20 mil anos de idade, há cerca de 11,5 mil anos.

Estudado recentemente por uma equipe chefiada pelo pesquisador Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP), o fóssil revelou características desconhecidas. Após numerosos estudos e comparações com outros fósseis, inclusive europeus e asiáticos, os pesquisadores concluíram que Luzia apresenta traços anatômicos que se diferenciam dos de outros habitantes já conhecidos do continente americano, incluindo os índios. Enquanto estes possuem características típicas dos povos mongolóides da Ásia, Luzia apresenta traços negróides, muito mais próximos dos africanos e mesmo dos povos da Austrália.

Esses dados podem mudar radicalmente muitas das teorias a respeito da chegada dos primeiros seres humanos ao continente americano.

prováveis do que convincentes de que a ocupação humana na América se deu há mais de 20 mil anos.

O sítio de Pedra Furada, localizado em São Raimundo Nonato, no Piauí, foi encontrado na década de 1960. Ele vem sendo estudado desde o início dos anos 1970, por uma equipe de estudiosos coordenada pelo arqueólogo Gordon, arqueólogo franco-brasileiro.

Naturalmente, os artefatos de pedra lascada e pontos de flecha de fogoira. Segundo os estudos, os vestígios podem ter 48 mil anos, o que faz de Pedra Furada o mais antigo sítio arqueológico do continente. Além disso, foram encontrados fósseis humanos que, estimam-se, tenham por volta de 11 mil anos.

Existem muitas dúvidas, entretanto, em relação aos vestígios de Pedra Furada. A existência de fósseis humanos da mesma época levada em consideração a ideia de que as pedras lascadas e os pontos de lança são produtos de uma cultura, por exemplo.

Quando se comprovou a existência de artefatos de presença humana nesse local, feitas pela equipe do arqueólogo Guido, vai ser preciso admitir a presença humana no nordeste brasileiro há mais de 20 mil anos. Consequentemente, sua chegada ao continente teria acontecido numa data ainda mais remota.

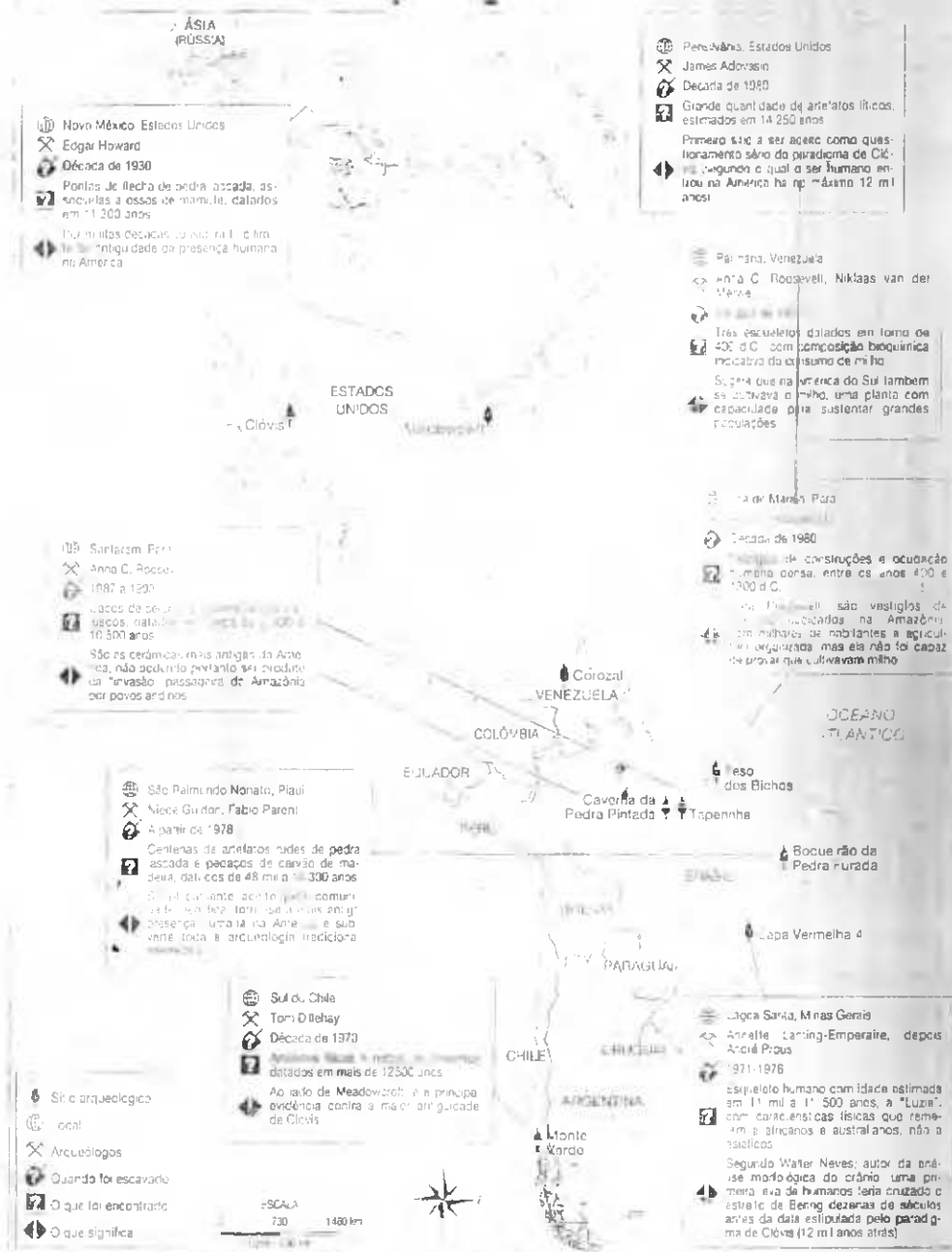
5. Luzia, a primeira "brasileira"?

Em 1975, foi desenterrado em Lagoa Santa, local próximo de Belo Horizonte, Minas Gerais, o mais antigo fóssil humano já encontrado no continente americano. Ele foi localizado no interior de uma caverna a 13 metros de profundidade.

Como já vimos, pelo exame do fóssil foi possível que se tratava de uma mulher, com altura aproximada de 1,5 metro e que deve ter falecido com pouco mais de 20 mil anos de idade, há cerca de 11,5 mil anos.

Estudado recentemente por uma equipe chefiada pelo pesquisador Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP), o fóssil revelou características desconhecidas. Após numerosos estudos e comparações com outros fósseis, inclusive europeus e asiáticos, os pesquisadores concluíram que Luzia apresenta traços anatômicos que se diferenciam dos de outros habitantes já conhecidos do continente americano, incluindo os índios. Enquanto estes possuem características típicas dos povos mongolóides da Ásia, Luzia apresenta traços negróides, muito mais próximos dos africanos e mesmo dos povos da Austrália.

Esses dados podem mudar radicalmente muitas das teorias a respeito da chegada dos primeiros seres humanos ao continente americano.



Fontes: 1. Science, 13 dez. 1991, p. 1521; 2. New Scientist, 24 jun. 1995, p. 31; 3. Bild der Wissenschaft, nov. 1989, p. 43; 4. Genetics and Molecular Biology, 1999, v. 22, p. 463-9; 5. História, W. K. & Hoopes, J. W., ed. The Emergence of Pottery 1995, p. 115-31; 6. POUYAN, G. G. & ALBERTI, B., eds. Archaeology in Latin America, 1999, p. 216-43.

NOVAS HIPÓTESES

Alguns estudiosos começam a admitir que os povoadores da América teriam chegado em diferentes e sucessivas ondas migratórias.

Em 1984, três pesquisadores norte-americanos conceberam um modelo para explicar a ocupação da América por meio de três ondas migratórias. A primeira teria dado origem a todos os índios da América do Sul, da América Central e da América do Norte. A segunda teria atingido os grupos nativos da região nordeste da América do Norte. A terceira teria atingido a que engloba os *sump* (saumó).

Alguns estudiosos acreditam que teriam havido ondas migratórias para a América do Sul descendente de um povoarentado com atuais aborígenes austronésios, que teria migrado da Ásia.

A tese tem sido reforçada pela descoberta, em várias partes do continente, de outros fósseis com as características de Luzia. Esses grupos humanos, entretanto, não sobreviveram. A hipótese levantada é a de que eles teriam sido extintos por doenças que chegaram ou mais numerosos que teriam chegado posteriormente e dado origem aos indígenas

ORGANIZANDO O TEXTO

••• Análise •••

1. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.
2. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.
3. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.

Atividade Saghi, historiadores, arqueólogos, antropólogos, biólogos e muitos outros. Procure saber a contribuição de algumas dessas áreas para esses estudos.

••• Síntese •••

5. Leia o texto e destaque os principais sítios arqueológicos encontrados na América do Sul. Cite o nome de cada um e a localização geográfica. (Fonte: *Revista da USP*, jul./ago. 1997, p. 11.)

LEITURA E DEBATE

O povoamento da América

Alguns estudiosos acreditam que teriam havido ondas migratórias para a América descendente de um povoarentado com atuais aborígenes austronésios, que teria migrado da Ásia.

A tese tem sido reforçada pela descoberta, em várias partes do continente, de outros fósseis com as características de Luzia. Esses grupos humanos, entretanto, não sobreviveram.

A hipótese levantada é a de que eles teriam sido extintos por doenças que chegaram ou mais numerosos que teriam chegado posteriormente e dado origem aos indígenas

Alguns estudiosos acreditam que teriam havido ondas migratórias para a América descendente de um povoarentado com atuais aborígenes austronésios, que teria migrado da Ásia.

A tese tem sido reforçada pela descoberta, em várias partes do continente, de outros fósseis com as características de Luzia. Esses grupos humanos, entretanto, não sobreviveram.

A hipótese levantada é a de que eles teriam sido extintos por doenças que chegaram ou mais numerosos que teriam chegado posteriormente e dado origem aos indígenas

Alguns estudiosos acreditam que teriam havido ondas migratórias para a América descendente de um povoarentado com atuais aborígenes austronésios, que teria migrado da Ásia.

A tese tem sido reforçada pela descoberta, em várias partes do continente, de outros fósseis com as características de Luzia. Esses grupos humanos, entretanto, não sobreviveram.

A hipótese levantada é a de que eles teriam sido extintos por doenças que chegaram ou mais numerosos que teriam chegado posteriormente e dado origem aos indígenas

Sobre o texto

1. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.
2. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.
3. Leia o texto e destaque as principais discussões existentes em relação ao povoamento da América.



Como vimos, após milhares de anos, os seres humanos aprenderam a cultivar vegetais e a domesticar animais. Aos poucos, dentro dos grupos formados, foram se estabelecendo relações sociais cada vez mais complexas, decorrentes, entre outras razões, da diversidade das atividades de produção e da especialização do trabalho. Dessa diversificação das relações sociais surgiram as cidades, o comércio, a religião, a escrita e o Estado.

Observando os mapas desta página, podemos perceber um dos primeiros territórios onde se desenvolveram essas sociedades. Ele forma um contorno parecido com o quarto crescente da fase lunar, uma espécie de meia-lua.

Exatamente por causa desse formato, a região recebeu o nome de *Crescente Fértil*.

O Crescente Fértil está localizado entre a Europa, a Ásia e a África. Na Antiguidade, existiam na região várias terras férteis, que a tornavam refúgio privilegiado para os grupos humanos que se deslocavam em busca de alimentos e de abrigo.

Nesta Unidade, vamos estudar as sociedades que se formaram na região do Crescente Fértil. Elas são algumas das primeiras sociedades complexas da história da humanidade.

O Crescente Fértil



O Crescente Fértil hoje



Fortes

1. GILBERTO, Mendel. *Zenó*. Exauro. História 12ª edição. Madrid, Anaya, 1997.
2. AZEVEDO, José Jobson de A. *Toda a História — História Geral e do Brasil*. São Paulo, Ática, 1999.
3. *Trabalhando com mapas — As Américas*. São Paulo, Ática, 1999, p. 5.

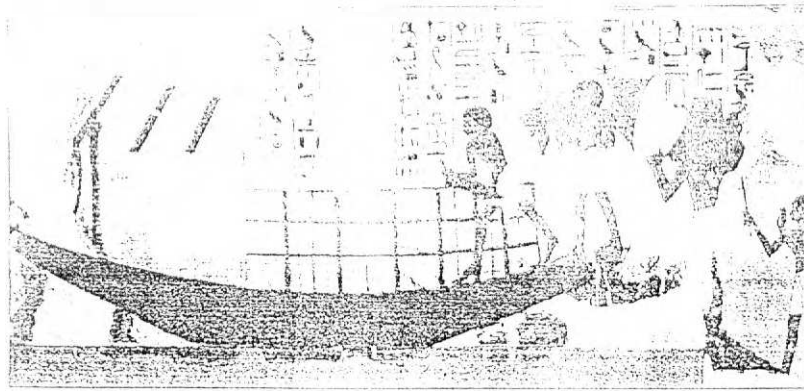
O Egito

No nordeste do continente africano, ao longo do rio Nilo, desenvolveu-se uma civilização mais ricas e exuberantes, a civilização egípcia. A cultura egípcia é uma das civilizações mais antigas da humanidade, interessando-se pela História.

Historiadores, arqueólogos, caçadores de tesouros, simpáticos e curiosos. Muitas são as que procuraram saber mais a respeito da sociedade que construiu pirâmides e mirmídes, e que desenvolveu inúmeros conhecimentos utilizados até os dias de hoje.

Data, refletir e discutir

Visualize a paisagem do Nilo e o importante rio que lhe dá origem. Observe a principal atividade produtiva e o tipo de irrigação utilizada, marcada por uma grande quantidade de canais. Observe a construção do deserto de Libia e o rio Nilo. Escreva um texto ou um roteiro com as características da sociedade egípcia que podem ser observadas nessa paisagem.

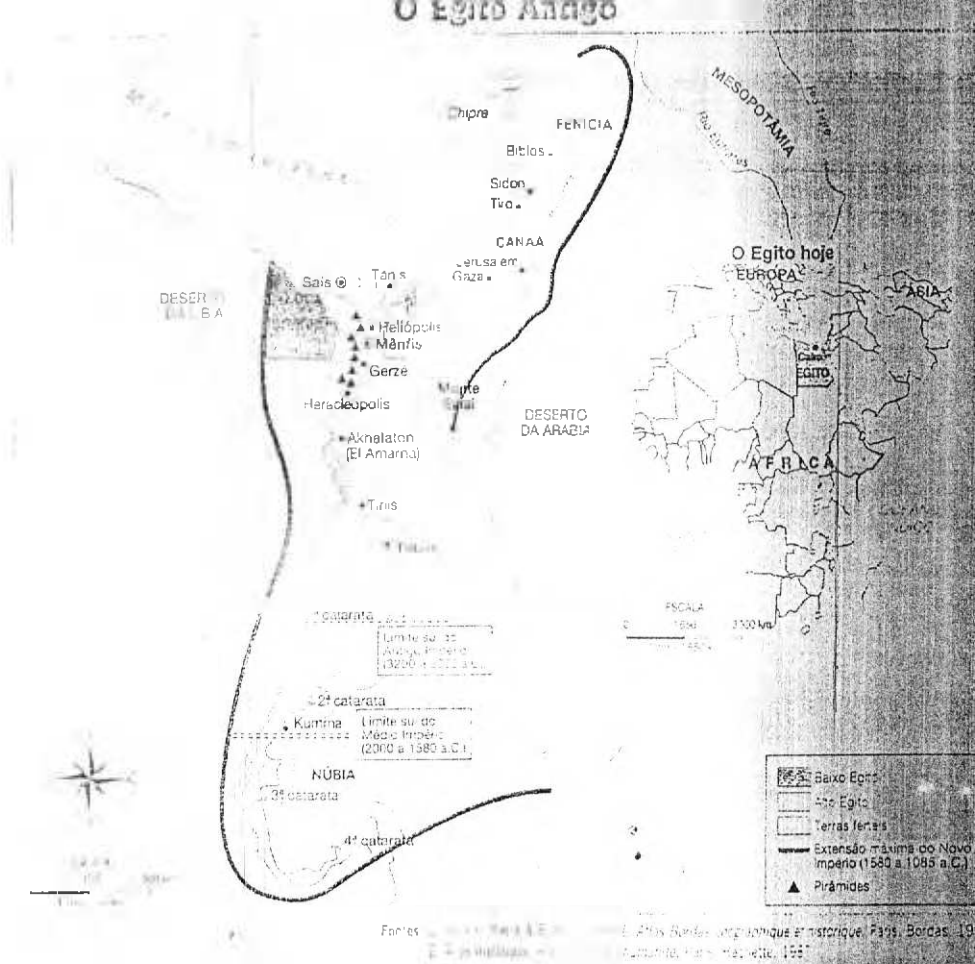


ser observadas nessa paisagem.

1. O meio geográfico

O Egito é um país que se estende ao longo do rio Nilo, no nordeste do continente africano. O clima é quente e seco, com poucas chuvas. A agricultura depende da irrigação pelo rio Nilo.

Após a chegada dos europeus, os grupos humanos que viviam no Egito passaram a ser chamados de egípcios. A agricultura era baseada na irrigação pelo rio Nilo. Os egípcios desenvolveram um sistema de irrigação que permitia a agricultura em áreas que não seriam produtivas sem ela.



e canais, aprenderam a controlar e a aproveitar ao máximo as inundações para o desenvolvimento da agricultura.

A importância das águas do rio Nilo para a população que vivia em suas margens era tal que os egípcios consideravam o rio um deus. Já no século VI a.C., o historiador grego Heródoto, refletindo sobre essa condição, chegou a afirmar que o Egito era uma "dólua do Nilo".

2. O estudo do Egito

Desde o quarto milênio a.C., os egípcios desenvolveram um complexo sistema de escrita, chamado hieroglífico. Os hieróglifos, palavra grega que significa caracteres sagrados, eram constituídos de pequenos desenhos com múltiplos significados. Em geral, esses desenhos eram gravados ou pintados nas paredes dos túmulos e dos templos.

Quando escritos sobre papiro — uma espécie de papel que os egípcios fabricavam a partir de uma planta de mesmo nome que cresce em abundância no vale do Nilo — os hieróglifos costumavam ser abreviados, originando uma escrita simplificada, qual se deu o nome de hierática. Por fim, os egípcios desenvolveram o demótico, que é uma forma mais popular de escrita, proveniente de uma simplificação da forma hierática.

Com a conquista do Egito Antigo por diversos povos a partir de 525 a.C., esses sistemas de escrita acabaram caindo no esquecimento. Foi somente no século XIX que pesquisadores europeus se puseram a estudar os registros escritos do Oriente antigo. Em 1822, um professor de história, o francês Jean François Champollion, conseguiu decifrar os hieróglifos.

Champollion tomou como base a Pedra de Roseta, um bloco de basalto preto, encontrada no delta do Nilo, em 1799, por membros da expedição de Napoleão Bonaparte. A pedra

então, o único texto, datado de 1570, escrito em hieróglifos, em língua que já conhecia, Champollion conseguiu identificar as mesmas palavras nas outras duas escritas e, assim, pôde determinar o significado de cada uma das grafias.

Muito além dos conhecimentos obtidos com essa interpretação, outros estudiosos passaram a se dedicar ao estudo mais detalhado dos hieróglifos, bem como dos templos, dos túmulos, dos baixos-relevos e das pinturas. Dessa forma tornou-se possível ampliar o conhecimento sobre diversos aspectos da sociedade egípcia. Essas pesquisas deram origem à *egiptologia*, área do conhecimento que estuda o Egito Antigo.

3. A era dos faraós

Por volta do quarto milênio a.C., existia no vale do Nilo pequenas comunidades chamadas de *nomos*, cada uma delas chefiada por um líder, chamado *nomarca*. A fim de obter o melhor aproveitamento das cheias do grande rio, tais comunidades se uniram para efetuar a construção de diques e de canais de irrigação.

Com o tempo, os agrupamentos acabaram originando a formação de dois reinos distintos, correspondentes ao Alto e ao Baixo Egito.

O Alto Egito ficava ao sul, era o exterior vale ao longo dos meandros do Nilo. O Baixo Egito, ao norte, organizava-se em torno do delta formado pelo rio ao desaguar no mar Mediterrâneo (ver mapa de página 15).

Por volta de 3200 a.C., Menés, sobrinho do Alto Egito, conquistou o Baixo Egito, unificando os dois reinos sob um único reino.

A partir desse momento, pode-se dividir a história do Egito Antigo em quatro longos períodos, nos quais os faraós conseguiram manter o poder.

Antigo Império (cerca de 2600-2100 a.C.) Durante a maior parte desse período, o centro administrativo do Egito foi a cidade de Mênfis, localizada no delta do Nilo. Dessa cidade os pesquisadores não encontraram vestígios, nem mesmo ruínas. Dentre os faraós mais conhecidos dessa fase, encontram-se *Quéops*, *Quéfn* e *Quéfn*. Foram eles que mandaram construir para si e para suas famílias as grandes pirâmides da planície de Gizeh (cerca de 2600 a.C.). A partir de 2350 a.C., lutas entre os líderes dos nomos e a desorganização do poder central geraram crises que acabaram por enfraquecer a autoridade do faraó.

Médio Império (2000-1580 a.C.) O poder do faraó foi restaurado por governantes do Alto Egito. Dessa vez, o centro administrativo se estabeleceu em Tebas. Seguiu-se um longo período de relat va prosperidade que durou cerca de quatrocentos anos, até a invasão dos hititas. Utilizando armamentos e recursos de guerra desconhecidos dos egípcios, esse povo, proveniente da Ásia ocidental, dominou e subjugou o Egito durante quase duzentos anos. Nesse mesmo período, os hebreus também se instalaram na terra dos faraós.

a expulsão dos hititas, os soberanos do Alto Egito, que restauraram a unidade do reino e consolidaram a autoridade do faraó sobre todo o território. Nesse período, ocorreram os governos dos faraós Tutânus III e Ramsés II, que converteram o Egito, durante algum tempo, na região mais poderosa do Crescente Fértil. O comércio se expandiu, tanto por terra como por mar, tendo chegado até a ilha de Creta. Nessa época, foram construídos os templos de Luxor e Carnac.

A partir do século XII a.C., teve início um período de enfraquecimento do poder dos faraós, ocasionado por disputas internas. Desestabilizado o poder central, o Egito sofreu sucessivas invasões, culminando com a conquista do império pelos assírios, em 671 a.C.

Renascimento Saíta (663-525 a.C.) Príncipes de Saís, cidade localizada no delta do Nilo, lideraram os egípcios na expulsão dos assírios e possibilitaram, mais uma vez, o fortalecimento da sociedade egípcia. A estabilidade durou pouco, entretanto. Um importante faraó desse período foi Neco, que tentou unir o mar Mediterrâneo ao mar Vermelho por meio de um canal. Por sua ordem, ainda, navios egípcios, comandados por um capitão fenício, realizaram uma viagem de circunavegação do continente africano.

Em 525 a.C., os persas dominaram o Egito que, a partir de então, não conseguiu mais recuperar sua autonomia. Depois do domínio persa, o território seria sucessivamente conquistado pelos gregos e pelos romanos.

4. A organização social

A sociedade estava dividida em camadas sociais entre as quais havia profundas diferenças. Todo o poder estava centralizado nas mãos do faraó, que era considerado um deus. Chamamos essa forma de governo *teocracia*. O faraó era o chefe das estruturas, o chefe dos exércitos, o juiz. Como soberano absoluto de todo o território, dominava os grupos sociais, organizando e administrando todas as atividades econômicas.

Os sacerdotes constituíam uma categoria poderosa e influente, em razão da importância da religião para os egípcios. Como guardiões dos templos, eles recebiam e administravam as oferendas feitas aos deuses pela população.

Os parentes do faraó e os *altos funcionários* formavam uma classe de nobreza. Os últimos administravam em nome do faraó, as quarenta e duas províncias (ou nomos) unificadas do Egito.

A administração complexa e centralizada exigia, contudo, enorme quantidade de funcionários, encarregados de cobrar impostos, fiscalizar obras e acompanhar trabalhos agrícolas em toda a extensão do Império. Por essa razão, os escribas, aqueles que aprendiam a lidar com números e a manejar a complicada escrita egípcia, exerciam uma função destacada na sociedade. Após um longo treinamento ao lado dos sacerdotes, o escriba podia ascender socialmente e exercer altos cargos religiosos ou administrativos.

A maior parte da população era constituída por *artesãos*, que trabalhavam, geralmente, nos ofícios gerados pela construção de templos e túmulos. Eram, entre outros, tecelões, marceneiros, sapateiros, pedreiros, ferreiros, pintores, escultores, perfumistas, ourives.

A maior parte da população era constituída por *camponeses*, que trabalhavam nas terras pertencentes ao faraó, aos templos e aos nobres. Eles deviam entregar ao senhor da terra parte de sua colheita ou dos animais que criavam. Além disso, deviam trabalhar na construção e manutenção dos canais e dos diques.

As atividades econômicas

A economia era controlada pelo faraó, dono nominal da maioria das terras. Grande parte das atividades produtivas era organizada e administrada por ele, desde o planejamento e a construção de canais e diques para a irrigação das terras até o armazenamento e a distribuição da produção.

A principal atividade era a agricultura. A produção agrícola, de modo geral, estava voltada para suprir as necessidades da população. Cabia aos funcionários do soberano guardar uma parte dessa produção para ser distribuída em períodos de escassez.

A pecuária era uma atividade importante, embora restrita aos templos que possuíam grandes extensões de terra.

A construção de embarcações, a tecelagem do linho, a cerâmica, a metalurgia e a vidraria (foram os egípcios os inventores do vidro) eram outras importantes atividades realizadas pelos egípcios.

O comércio existia, mas foi mais intensamente praticado durante o Novo Império. Nesse período, os comerciantes egípcios negociavam com povos de regiões distantes, como da Mesopotâmia e das ilhas do mar Egeu.

A escolha do melhor ofício

Os escribas, com penetrados da própria importância, julgavam a sua profissão superior à dos trabalhadores manuais. Exemplo disso é o texto a seguir, escrito por um velho escriba, que procura influenciar seu filho na escolha do melhor ofício.

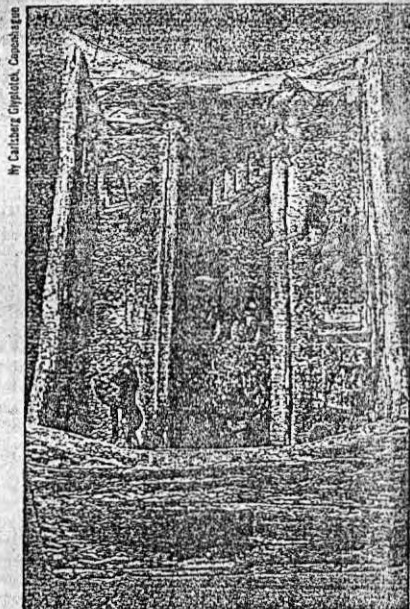
Não tens uma ideia da vida do camponês que cultiva a terra! O colono das fincas acha-se no caos ocupado em recolher os diques das colheitas. Tem consigo gente armada, bastões, negros munidos de ripas de palmeira. Todos gritam: Vamos, os grãos! Se o camponês não tem, atiram-no ao chão (...); arrastam-no ao canal, onde o mergulham de cabeça para baixo (...).

O artesão não é mais feliz do que o camponês. O pedreiro, dir-te-ei como a doce esprieta, pois está exposto a todos os ventos, sobre as vigas do andaima, pendurado nos teus como lótu; seus dois braços gastam-se no trabalho, suas vestes em desordem, não se sentem uma vez por dia. Quando consegue pão, regressa à casa e bate em seus filhos (o tecelão não arreda de sua casa; seus joelhos estão à altura do estômago; se deixar de fazer um só dia a quantidade regulamentar, é atado como os lótu das pantanos).

Mas, a profissão de oficial do exército será mais tentadora? Vem, que eu te conte a sorte de um oficial do exército. Levam-no ainda criança e encerram-no na caserna. Lá seu ventre estará todo gretado e os seus supercílios fendidos; a sua cabeça, uma fumaça. Estendem-no e espancam-no como a um papiro. Queres que te conte agora a sua vida em lugares longínquos? Leva os víveres e a água ao ombro como a carga de um burro, espinha parte-se. Bebe água podre. Deve constantemente montar guarda. Chega diante do inimigo? É um pássaro que treme. Volta ao Egito? É apenas um velho pedaço de pau pelos víveres.

O velho escriba conta a violência, por toda a parte, a violência! Eis por que te digo para as letras (...).

(Adaptado de: GARDINER, A. W. *O Egito Antigo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.)



Representação de celeiro para a coleta de tributos pagos ao Estado. Os tributos eram pagos *in natura* e repostos aos muitos celeiros existentes. Para isso, era necessária uma estrutura administrativa, na qual escribas desempenhavam papel fundamental. No canto direito, podemos perceber um desses funcionários anotando as sacas de grãos depositadas.

A religião

A religiosidade constituiu, sem dúvida nenhuma, uma das características mais marcantes da sociedade egípcia. Como inúmeros povos da Antiguidade, os egípcios eram politeístas, ou seja, adoravam diversos deuses. De um modo geral, esses deuses

Algumas divindades locais ganharam expressão em todo o Egito, quando a cidade em que eram adoradas se tornava o centro administrativo. Foi o que aconteceu com Tebas, por exemplo, a partir do Médio Império. O deus local Amon foi identificado com Rá, dando origem ao culto a Amon-Rá.

A história de Osíris

Os egípcios criaram mitos, histórias que tentavam explicar os fenômenos naturais que os cercavam. Um dos mitos egípcios mais conhecidos reúne Osíris, Hórus e Isis.

Osíris — deus da fertilidade e juiz dos mortos, representado pelo rio Nilo — era um soberano bom que havia ensinado à população a agricultura e a metalurgia. Sua esposa e irmã Isis — deusa da natureza, representada pela terra fecundada pelo Nilo — havia ensinado as artes domésticas e a tecelagem.

Ao retornar de uma viagem, Osíris foi assassinado por seu irmão Seth, deus dos ventos do deserto, que o colocou num cofre e jogou-o no rio. Isis achou o corpo e restituiu a vida ao marido. Em seguida, contudo, Osíris foi novamente morto por Seth, retalhado e jogado ao rio. Mais uma vez, Isis reencontrou o corpo do marido e dessa vez o embalsamou. Após ressuscitá-lo, deu-lhe um filho chamado Hórus.

Depois do nascimento do filho, Osíris deixou a terra, indo reinar no mundo dos mortos. Hórus, ao se tornar adulto, matou Seth e se tornou o senhor de todo o Egito.

Nesse mito, a morte e a ressurreição de Osíris simbolizam as enchentes anuais do Nilo, fertilizadoras de solo

colossal monumento do Mundo Antigo.

Graças ao trabalho minucioso dos artesãos egípcios, os templos, as colunas e os túmulos tinham as paredes inteiramente decoradas com hieróglifos e desenhos pintados ou esculpidos.



Representação de rei e rainha egípcios no espaldar do trono do faraó Tutancâmon. A rigidez nas figuras humanas na arte egípcia tinha um objetivo específico: buscava-se registrar o que há de imutável no ser humano.

A busca da eternidade

Os egípcios acreditavam que cada pessoa tinha uma alma, que sobrevivia enquanto o corpo não fosse destruído. A preservação do corpo era possível por meio da mumificação, uma complexa técnica de embalsamar os mortos.

A preocupação com os mortos levou os egípcios a construir túmulos duradouros. Entre eles os mais grandiosos são as pirâmides, que guardavam, num compartimento secreto, os faraós. Nas mastabas (construções simples, de formato trapezoidal) e nos hipogeus (túmulos subterrâneos) ficavam sepultados nobres e sacerdotes ilustres.

A arte

A produção artística era predominantemente de inspiração religiosa. Foi para os deuses e para os mortos que os egípcios construíram seus maiores monumentos.

Os saberes

Os egípcios desenvolveram significativamente várias áreas do conhecimento.

As áreas em que mais se destacaram foram a astronomia e a geometria. A necessidade de prever as enchentes do Nilo e de executar obras para o aproveitamento das águas do rio levou-os à observação dos astros e à construção de fórmulas para medir superfícies. Utilizavam a soma, a subtração e a divisão.

Além disso, criaram um calendário solar, no qual o ano, de 365 dias, era dividido em doze meses de trinta dias cada, ao qual acrescentavam cinco dias festivos.

1. Escreva um texto comentando como as condições geográficas influenciaram a formação da sociedade egípcia. **farão no Egito Antigo e o poder dos governantes brasileiros nos dias de hoje.**
2. Um conquistador árabe disse que o Egito foi sucessivamente "um campo de poeira, um mar de água doce e um cantilero de flores". Que momentos da sociedade egípcia podem estar referidos nessa frase?
3. Observando os mapas das páginas 17 e 19, procure explicar o relativo isolamento da sociedade egípcia na Antiguidade.
4. No Egito Antigo, o faraó concentrava todo o poder, comandando a religião, os exércitos, a economia etc. Em grande
5. Sob a orientação de seu professor, reúna-se com um grupo de colegas e monte uma linha do tempo sobre a história do Egito Antigo.

♦ ♦ ♦ Síntese ♦ ♦ ♦

♦ ♦ ♦ Trabalhando o contexto ♦ ♦ ♦

4. No Egito Antigo, o faraó concentrava todo o poder, comandando a religião, os exércitos, a economia etc. Em grande

LEITURA E DEBATE

Desenterrando o passado

Um grande cemitério descoberto há três anos no oásis de Bahariya, a 370 quilômetros do Cairo, escondido hoje a amostra mais bem preservada do que era a vida no Egito, há cerca de 2 mil anos. Ali estão cerca de 10 mil corpos mumificados de homens, mulheres e crianças que levavam para o túmulo sinais da ostentação que exibiam durante a vida.

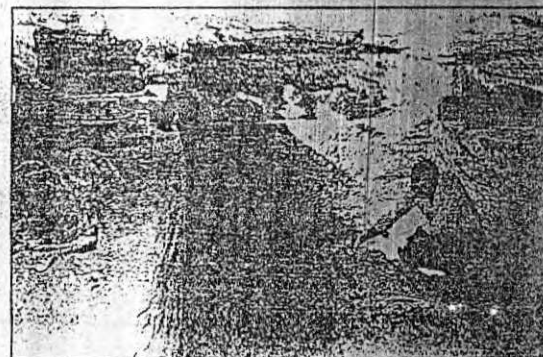
Nas quatro tumbas exploradas até agora, os arqueólogos encontraram 195 múmias de famílias inteiras. Alguns corpos estavam envolvidos em peças de linho, muitos eram adornados com máscaras douradas e pinturas em papel feito de linho e papíro. A decoração era caprichada: tomava-se o cuidado de diferenciar os adornos de cada múmia encontrada nas tumbas. As máscaras serviam como substituto da cabeça dos mortos e marcavam cada indivíduo com os atributos dos deuses, para que fosse favorecida na passagem para a outra vida.

As múmias já estudadas em Bahariya são dos primeiros séculos da era cristã, mas os arqueólogos acreditam que o sítio do cemitério é mais antigo, provavelmente da época de Alexandre, o Grande, morto em 323 a.C.

Já se sabe que as práticas funerárias em Bahariya se parecem com aquelas adotadas pelos romanos em um posto militar recentemente escavado a quase 200 quilômetros de Luxor (sul do Egito). Tanto em um como em outro local, os egípcios, sob influência romana, pareciam dar maior importância à decoração das tumbas do que à preservação dos corpos mumificados. Mais de 100 tumbas esperavam para revelar segredos.

(Adaptado de: Martha San Juan França.

A mina de múmias. Revista Época, 30 ago. 1999.)



Arqueólogo remove poeira de uma das múmias encontradas no oásis de Bahariya, Egito. A fotografia permite perceber o extremo cuidado com que é realizado o trabalho de escavação. Qualquer descuido pode não só danificar o objeto, mas também significar a perda de preciosas informações.

Sobre o texto

1. Na sua opinião, a que condição social pertenciam os corpos mumificados encontrados no oásis de Bahariya? Justifique.
2. Que cuidados eram tomados com os mortos, segundo as pesquisas realizadas em Bahariya?
3. Calcula-se que o sítio arqueológico de Bahariya tenha sepultamentos realizados durante o domínio romano no Egito. Lembrando o texto do capítulo, o que teria mudado nos costumes religiosos egípcios entre um momento e outro? O que teria permanecido?



Rel. assírio caçando, palácio Assurbanipal, Nínive.

2 ANTIGUIDADE NO ORIENTE PRÓXIMO - MESOPOTÂMIA

Introdução

Como já vimos na Unidade I, o processo de organização dos primeiros núcleos urbanos humanos ocorreu no Oriente Próximo, na região do Crescente Fértil e no Egito. A Mesopotâmia (a palavra significa "entre rios") era uma área situada entre os rios Tigre e Eufrates, onde hoje se localiza grande parte do território do Iraque. Fisicamente, podemos dividi-la em Alta Mesopotâmia ou Assíria (região montanhosa e árida, ao norte) e Baixa Mesopotâmia ou Caldéia (ao sul, com terras ricas e férteis).



Economia e sociedade

Desde o Paleolítico vários povos já habitavam essa região, que recebeu também inúmeros imigrantes vindos da Ásia: os sumérios, acádios, amoritas, assírios e caldeus foram os que mais se destacaram, organizando grandes civilizações. A organização política dessas sociedades não se sustentava em um forte Estado centralizador. Apesar de algumas tentativas nesse sentido, a estrutura política da Mesopotâmia baseou-se fundamentalmente em pequenos Estados independentes que, entretanto, mantinham fortes relações econômicas e homogeneidade cultural (língua, hábitos, costumes, etc.).

O trabalho de controle das cheias do Tigre e do Eufrates e de construção de sistemas de irrigação era fundamental para a sobrevivência das populações da região e gerou a necessidade de uma organização coletiva. Essas atividades eram exercidas por homens livres e por escravos que tinham alguns direitos definidos em lei (por exemplo, os escravos, apesar da sua condição, poderiam casar-se com mulheres livres e acumular bens).

Todo esse esforço coletivo para o abastecimento de água visava ao desenvolvi-

mento da agricultura (cevada, trigo, árvores frutíferas, legumes, etc.), principal atividade econômica da região. A exploração da terra na Mesopotâmia baseava-se em um complexo sistema de propriedade, segundo o qual a posse privada ainda não era exercida na plenitude. De modo geral, a propriedade da maioria das terras era dos templos e do Estado, que as distribuíam para rendeiros (pagavam aluguel em moeda), colonos (pagavam em mercadorias) e funcionários públicos (pagavam em serviços).

Contudo, o artesanato (cerâmica, metais, tecidos, etc.) e, principalmente, o comércio consistiam também em ricas atividades econômicas. O intenso comércio na região colaborou para a normatização de leis escritas, padrões de medida, de troca, peso, ajudou a estabelecer atividades financeiras, etc. Com o tempo, o comércio e os comerciantes alcançaram destaque na sociedade mesopotâmica, determinando algumas transformações.

O controle político era exercido por um líder que obrigatoriamente também era o chefe religioso (*patesi*) e responsável pelo templo (*zigurate*). Diferente do Egito, onde o chefe do Estado era visto como um deus, na Mesopotâmia ele era apenas represen-

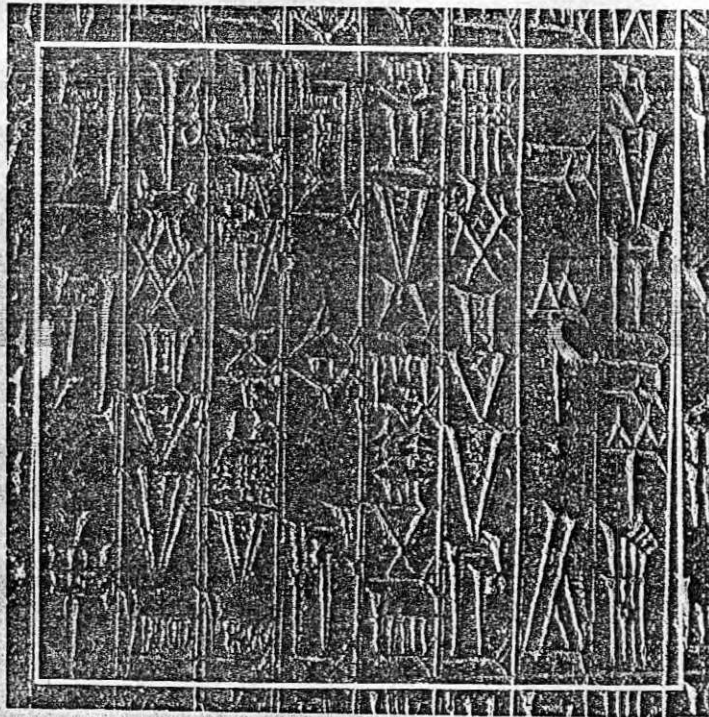


rante dos deuses na Terra e mantinha um grupo de sacerdotes para ajudá-lo a administrar a cidade. Estabelecia-se, assim, uma íntima relação, muito presente e forte nesse período da história, entre o poder político e o religioso: um não existia sem o outro.

A organização da sociedade mesopotâmica dava-se a partir de uma divisão básica entre os chefes religiosos e sacerdotes (no comando), os ricos comerciantes e proprietários, homens livres mas sem posses e os escravos.

As atividades administrativas das cidades (arrecadação de impostos, obras públicas), o trabalho coletivo (organizado e unificado) e o intenso comércio foram importantes para o gradativo desenvolvimento da escrita, da matemática, do calendário, das leis, dos padrões monetários, de peso e medidas. Todas essas normas eram registradas por meio da escrita cuneiforme: os símbolos eram gravados em pedaços de barro úmido e mole, que depois secavam e endureciam ao sol. Esse processo de registro alterou radicalmente as formas de transmissão de conhecimentos, causando uma verdadeira "revolução cultural".

Detalhe de um trecho do Código de Hamurabi, em escrita cuneiforme.



O poder político

O quadro político na Mesopotâmia sempre foi muito instável em razão das disputas e confrontos entre as diversas cidades e povos da região. Por ser também uma área muito fértil em meio a uma vasta região desértica, ela atraía constantes invasões de povos nomades. Assim, ao longo do tempo, alguns povos e cidades destacaram-se e assumiram um relativo poder durante determinado período.

Foram os sumérios os organizadores da primeira civilização no sul da Mesopotâmia, mas ao menos em 3500 a.C. Eles desenvolveram a escrita cuneiforme e técnicas para algumas cidades importantes, como Uruk, Lagash e Nipur, que viviam em constante conflito.

O enfraquecimento político dos sumérios, decorrente da desunião, permitiu que povos semitas vindos do norte, da cidade de Acad, invadissem a região.

Os acádios e a unificação do Império

Por volta de 2300 a.C., Sargão, governante de Acad (Akkad), invadiu a região Sui, conquistando quase toda a Mesopotâmia. Na realidade, foi a primeira tentativa de unificação do poder na região. A duração desse Império foi extremamente curta: terminou logo após o reinado de Sargão com a invasão de diversos povos, em especial os amoritas.

O Império Babilônico

Os amoritas estabeleceram-se na cidade de Babilônia e implantaram uma forte dinastia, inaugurada por Hamurabi (1792-1708 a.C.). Ele exerceu o poder de forma autoritária e estabeleceu o primeiro código de leis escritas; baseado nas tradições sumerianas, o Código de Hamurabi fortalecia o poder do Estado.

Após sua morte, o Império Babilônico não resistiu ao confronto com as cidades

vizinhas e às invasões de outros povos, como os assírios.

Os assírios: povo guerreiro

O enfraquecimento dos babilônios permitiu que os assírios, vindos do norte, conquistassem toda a Mesopotâmia por volta do século XII a.C. Povo guerreiro, dotado de um forte e organizado exército, expandiu suas fronteiras e manteve o poder pela força. Como os sumérios e amoritas, porém, não resistiria às revoltas internas e à pressão externa de outros povos. Nínive, sua capital, foi arrasada em 606 a.C.

Os caldeus e o Novo Império Babilônico

A cidade de Babilônia volta a centralizar o cenário político mesopotâmico, agora sob o domínio dos caldeus. A Babilônia retoma seu esplendor no reinado de Nabucodonosor, tornando-se o maior centro comercial e cultural do Oriente Médio. O enriquecimento permitiu que fossem construídos inúmeros palácios, templos e outras obras públicas, como os famosos jardins suspensos da Babilônia. Após a morte de Nabucodonosor, o Novo Império Babilônico entrou em decadência, sendo conquistado pelo persa em 539 a.C.

TRABALHO COM TEXTO

Leia com atenção os trechos do Código de Hamurabi, considerado o primeiro conjunto de leis escritas da história, e responda às questões propostas.

O direito babilônico: Artigos do Código de Hamurabi

Quando Marduk me instituiu governador dos homens para os conduzir e dirigir, estabeleci a Lei e a Justiça sobre a Terra, para o bem do povo.

Se um mercador pediu emprestado trigo ou prata a um mercador e não tem trigo ou prata para pagar mas tem outros bens, deve mostrar tudo o que tem perante testemunhas e dará do que possui ao seu prestamista. O mercador prestamista não pode recusar.

Se um homem toma uma mulher e não se estabeleceu um contrato, então essa mulher não é esposa.

Se um homem tomou uma criança para adotar com o seu próprio nome, e a educou, este filho adotivo não pode ser reclamado.

Se um homem cegou o olho de um homem livre, o seu próprio olho será cego.

Se um homem cegou o olho de um plebeu, ou quebrou-lhe o osso, pagará uma mina de prata.

Se cegou o olho de um escravo, ou quebrou-lhe um osso, pagará metade do seu valor.

Se um homem tiver arrancado os dentes a um homem da sua categoria, os seus próprios dentes serão arrancados.

Se um médico tratou, com faca de metal, a ferida grave de um homem e lhe causou a morte ou lhe inutilizou o olho, as suas mãos serão cortadas.

Se um médico tratou, com faca de metal, a ferida grave de um escravo e lhe causou a morte, ele dará escravo por escravo.

Se um construtor fizer uma casa e esta não for sólida e caindo matar o dono, este construtor será morto.

(Apud Chilperic Edwards. *The world's earliest laws*. Coletânea de Documentos Históricos. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação/CENP, 1980.)

1. O Código de Hamurabi procurava legislar sobre quais atividades da vida humana?
2. Quais as características mais evidentes das leis contidas no Código?
3. Baseado nos artigos do Código de Hamurabi, discuta o princípio "olho por olho, dente por dente".

ESCOLA ESTADUAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
SEVERINO CABRAL.
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA: ANA TEREZA
ORIENTADORA: ERONIDES
ESTAGIARIO: JAILSON ALVES DA COSTA
SERIE: 1ª A

ATIVIDADE: EXERCÍCIO

QUESTÕES

1. levando em consideração a leitura dos textos de Divalte e o que foi discutido nas aulas a respeito da ocupação da América, responda as seguintes questões:
 - a) Qual foi o argumento dos arqueólogos para recusar a datação do Sítio de Pedra Furada, pretendida por Niède Guidon? Fale sobre ele.
 - b) Caracterize a ocupação da América, a partir da teoria de Clovis.
2. descreva a importância do Rio Nilo para a formação e a sobrevivência do Egito.
3. caracterize a organização social do Egito a partir da Religião, e a arquitetura.

ESCOLA E. DO ENCINO FUNDAMENTAL E MEDIO SPVERING
CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIO: JAILSON ALVES DA COSTA

NOTAS DOS ALUNOS DO 1º A

1. LILIANE A. ALVES – 6,0
2. LILIANE A. ALVES – 6,0 - 7,5
3. ALAN MANUEL CORREIA LIMA – 8,0
4. FERROLYN DANIELARAÚJO MEDEIROS – 9,0
5. JAILSON DA S. PEREIRA – 6,0
6. ERNOLDO F. SOUZA – 5,5 - 7,0
7. JOANES DA S. COSTA – 9,0
8. HAROLDO NUNES – 8,5
9. ROBERTO R. PORTO 5,5 – 7,5
10. SERGIO M. DE LIMA – 7,0
11. EPOLIANA M. B. SANTOS – 6,0 – 7,5
12. EVÉRTON B. B. VIEIRA – 8,5
13. GINALDO F. DA SILVA – 8,0
14. ELIZABETH CRISTINA – 7,0
15. ROBERTA KELLY DE V. ALBUQUERQUE – 8,0
16. PAULO CÉSAR G. DE AZEVEDO – 8,0
17. ADRIANA F. DA SILVA – 7,0
18. CINTA CRISTINA F. DO NASCIMENTO – 7,0
19. LINDACLÉCIA DA C. SILVA – 7,0
20. DANIELE P. BENTO – 7,0
21. JOLENE D. SILVA – 8,5
22. NILSON B. BARBOSA – 7,0
23. LILIANE A. DA SILVA – 8,0
24. FABRÍCIA B. ALEXANDRE – 7,0
25. THIAGO ALVES – 8,0
26. RUBÊNIA DOMINGUÊS MACÊDO – 8,5
27. WILLIAM G. VIEIRA – 8,0
28. AIRLANDISON A. DE OLIVEIRA – 9,0
29. ANTÔNIA DE MOURA – 8,5
30. FLAVIO O. DA SILVA – 7,5

31. DANIEL DE M. SILVA - 8.0
32. VERA LÚCIA F. A. DA SILVA - 8.0
33. EMANUEL DA S. OLIVEIRA - 8.5
34. FABIANO BARBOSA - 8.0
35. CRISTIANA SÁ BENEVIDES - 8.5
36. MOZART DE LIMA - 7.5
37. C. NÉSIS B. DE OLIVEIRA - 7.5